

Presentemente o seu acervo é composto pelas seguintes colecções:

- **Colecção etnográfica:** composta por mais de um milhar de objectos ligados ao mundo rural e aos ofícios tradicionais, recolhidos em todo o País.
- **Colecção Industrial:** composta por máquinas e instrumentos ligados à indústria conserveira, à litografia, à latoaria (fabrico do vazio) e à fundição.
- **Colecção pós-industrial:** composta por máquinas mecanográficas, antigos computadores, instrumentos de automação e controle, e meios de comunicação.
- **Colecção de equipamentos urbanos específicos:**
  1. uma barbearia completa
  2. uma mercearia completa
  3. utensílios médicos e farmacêuticos
  4. instrumentos de medida
  5. instrumentos oriundos de lojas e tabernas de Setúbal.
- **Colecção de espécies documentais:** fotografias, cassetes audio (registos orais), cassetes vídeo, plantas, manuais, manuscritos, arquivo completo de uma fábrica de conservas (em estudo).
- **Biblioteca especializada**

As várias colecções proporcionam ao público em geral a oportunidade de as conhecer e visitar sempre que desejarem, pois não são cobrados ingressos. Os grupos de jovens, adultos ou idosos que o pretendam podem aproveitar as visitas guiadas oferecidas pelo museu escolhendo temas tão diversos como:

- Introdução ao Museu do Trabalho
- Mundo rural – colecção Michel Giacometti
- Indústria Conserveira
- Mercearia Liberdade

Fora do Museu realizam-se visitas a locais emblemáticos da história da cidade, bairros característicos, sítios ligados a actividades tradicionais e industriais mais ou menos extintas (lota, salinas, barcos de pesca, etc.), figuras de cidadãos relevantes, etc.

Periodicamente em dias específicos do mês são realizadas animações de expressão dramática, ateliers de pintura para idosos, ateliers artísticos para crianças e jovens, além de apoio a projectos escolares.

No que concerne ao mundo do trabalho, existem as chamadas “maletas pedagógicas” que abordam temas relativos ao mundo rural, trabalho nas salinas, médicos, vestuário, azulejos, instrumentos musicais, teatro, marionetas e brinquedos tradicionais dos países africanos de expressão portuguesa.

Para Ana Duarte (1994:92) (...) *As maletas pedagógicas são uma forma de levar o museu à comunidade. São importantes, principalmente para as escolas de zonas periféricas ou zonas rurais distantes do centro da cidade principal, onde quase sempre existe um museu. São meios indicados para se fazer o intercâmbio necessário entre zonas de interior e litoral, zonas rurais e urbanas (...).*

Uma das actividades interessantes desenvolvidas pelos serviços educativos deste museu e tendo como público alvo todos os níveis de ensino, são as denominadas “gincanas culturais” cujo objectivo é, de uma forma pedagógica dar a conhecer, ensinar a preservar e animar o património histórico, cultural e natural da região.

Neste contexto se inserem as exposições itinerantes e temáticas que constituem uma forma privilegiada para a compreensão da história local e, quando em consonância com o ensino formal, podem sensibilizar e interessar todos os alunos, inclusive os menos aplicados. A síntese que a seguir apresentamos, mostra alguns dados relativos às actividades do serviço educativo no ano de 2001.

<b>ACTIVIDADES</b>	<b>PARTICIPANTES</b>
▪ VI Gincanas Culturais	362
▪ Projecto “Viagem dentro de um quadro”	2363
▪ Exposições no Museu	2456
▪ Bairro do Troino	405
▪ Bairro das Fontainhas	270
▪ Lota, barcos e mercado	193
▪ Arrábida	333
▪ Maletas pedagógicas	754
▪ Visita guiada - Centro Histórico	716
▪ Visita guiada - Fortaleza de S. Filipe	278
▪ Ateliers preparatórios das visitas	104
▪ Projecto “Comunidade fabril/Comunidade escolar	152

Fonte: Museu do Trabalho Michel Giacometti

#### **4.1.2. PREPARAÇÃO E REALIZAÇÃO DE UMA VISITA DE ESTUDO**

Porque o Museu do Trabalho, como vimos no ponto anterior, não se confina ao seu espaço físico, acompanhámos uma acção dos serviços educativos do Museu do Trabalho, realizada na Escola Básica n.º 4, na cidade de Setúbal.

O nosso objectivo principal foi o de observar, como na prática, o museu, por intermédio do seu educador/animador, interage com a escola e com o meio.

O tema a desenvolver, destinava-se a preparar os alunos para uma visita de estudo à Fortaleza de S. Filipe, monumento histórico da cidade e tinha como motivo principal explicar aos alunos os factos que determinaram a sua construção e o modo como no ano de 1640, os sadinos a tomaram de assalto para ajudar Portugal a recuperar a sua soberania.

A Fortaleza, mandada construir por Filipe II, em 1582, tinha duas finalidades: uma era a de desarticular a oposição existente, na então vila, ao domínio filipino em Portugal e a outra a de assegurar a defesa do principal porto de exportação de sal.

Os alunos de várias turmas e as suas professoras, participaram com muito interesse e sempre que solicitados pelo animador, responderam a questões ou personificaram figuras que

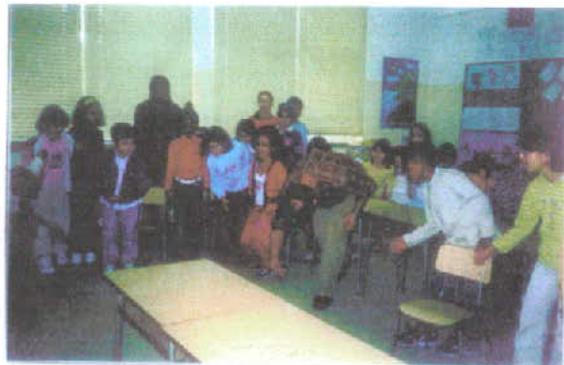
tiveram papel preponderante na tomada da Fortaleza, construindo uma dramatização orientada para uma melhor compreensão da narrativa.

Concluída esta primeira fase, cujo conteúdo os alunos iriam trabalhar nas aulas, a segunda fase realizou-se-á numa outra acção, no local onde se ergue a Fortaleza.

Na data marcada, a Câmara Municipal de Setúbal disponibilizou um autocarro que nos conduziu à elevação onde se ergue a Fortaleza.

O animador/educador explicou as características da construção e questionou os meninos sobre alguns aspectos referidos na sessão preparatória, questões que foram prontamente respondidas acertadamente. Percorremos então os passos que, segundo a história local, deram os que efectuaram o assalto à Fortaleza e os alunos tiveram oportunidade de perceber como eram abastecidos de água e de alimentos os ocupantes do castelo, como viviam, etc.

Ainda houve tempo para que apreciassem e aprendessem os nomes de algumas espécies arbóreas e plantas da Serra da Arrábida que vicejam dentro das muralhas da Fortaleza.



**Preparação da visita**



**Realização da visita**

#### 4.2.1. O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL



##### Exposição etnográfica permanente

Este museu é um caso paradigmático visto ser uma instituição que, embora sediada no centro da cidade de Setúbal é um museu de região, uma vez que, a sua actividade arqueológica e de divulgação cultural se exerce nos treze concelhos do distrito.

Ainda que tenha realizado várias iniciativas de difusão pelos lugares e para os públicos mais diversos, mesmo antes da sua inauguração, nasce como instituição museológica em 1974, sob a égide da Junta Distrital de Setúbal e abre ao público em 1976.

O seu percurso não foi, no entanto, isento de dificuldades e muito embora não pretendamos descrever a sua trajectória, transcrevemos da revista *al-madan* (1993: 81) o seguinte excerto: (...) *Após uma fase de resistência a uma conjuntura particularmente desfavorável, vivida na segunda metade dos anos 80, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), reestrutura o seu programa numa óptica de maior intervenção e prepara a renovação da exposição permanente. Esse programa sublinhará a relevância que desde a fundação do museu atribuímos à actividade de investigação. Continuamos a defender que a vitalidade da função museológica depende, em grande parte,*

*do conhecimento científico produzido pelo próprio museu, embora não pretendamos diminuir outras formas de conhecimento e experiências que ele pode veicular(...)*

No âmbito das suas competências técnicas e científicas o museu desenvolve procedimentos de recolha de documentação etno-sociológica e inventaria monumentos e motivos com interesse histórico-artístico.

O Laboratório de Conservação e Restauro trata e estuda os materiais arqueológicos, restaura, recupera ou reconstitui peças cerâmicas encontradas nas escavações, para exposição nas suas instalações.

No ano de 1979, abriu ao público a Sala de Arqueologia Regional, que apresentava uma exposição documentada sobre o processo histórico do distrito de Setúbal, desde o Paleolítico à Época Romana.

Segundo o folheto de divulgação e apresentação do museu, o seu acervo é formado por duas colecções:

***Colecção arqueológica:*** *que consta do espólio proveniente de jazidas pré-históricas do Paleolítico inferior e médio, do Epipaleolítico, Mesolítico e Calcolítico, arqueossítios da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Estabelecimentos da Época Romana.*

***Colecção etnográfica:*** *espécimens relativos às actividades tradicionais da pesca, recollecção, salicultura, criação de gado, agricultura, fição e tecelagem, artesanato rural e urbano, arte popular.*

Desde o início que as actividades de divulgação e difusão se encontram entre os objectivos fundamentais desta instituição, sendo já numerosas as palestras, debates, seminários, reuniões científicas, conferências, etc. que realizou.

No domínio da animação dedicada à população escolar, as suas acções abrangem todos os níveis de ensino, incluindo alunos do ensino superior.

No que concerne ao público em geral, as ofertas são as mais diversas, desde acções de educação patrimonial cultural e ambiental, até cursos de fotografia, cerâmica e outras técnicas, filmes etnográficos, diaporamas ou sessões de poesia, comemorações do Dia Internacional dos Museus, do Dia Internacional da Mulher, ateliers de pintura, jornadas pedagógicas, associativismo, etc.

Possui também uma biblioteca especializada em Arqueologia, História e Etnografia, com numerosas obras nacionais e estrangeiras, aberta à consulta de todos os interessados.

As visitas guiadas que oferece, repartem-se pelo centro histórico da cidade e bairros tradicionais e pelos percursos arqueológicos das ruínas romanas de Troia, Época Romana e hipogeus da Quinta do Anjo.

Num artigo publicado na revista *al-madan* (1998:61) a Directora do museu caracterizava assim os seus aspectos mais inovadores e as suas área de intervenção:

*Espaço de criação cultural.*

*Apoio a movimentos de cidadãos.*

*Valorização da sua origem radicada na modernização e democratização da sociedade portuguesa.*

*Museu territorializado.*

*Atribuição de importância crescente à musealização do património in situ. O museu deve receber apenas os bens culturais que não possam permanecer no contexto que os torna significativos.*

*Prioridade à investigação.*

*Serviço especializado nesse domínio (Centro de Estudos Arqueológicos).*

*Projectos de investigação plurianuais e Arqueologia de Salvamento, nomeadamente urbana.*

*Laboratório de Conservação e Restauro.*

*Biblioteca de Arqueologia e Etnografia.*

*Abertura à cooperação interinstitucional e à pludisciplinaridade.*

*Exposição permanente representativa da região, em termos arqueológicos e etnográficos.*

*Abordagem antropológica.*

*Perspectiva materialista histórica.*

*Exposições temporárias diversificadas e participadas por agentes culturais da região.*

*Cursos, Seminários e Congressos.*

*Serviço educativo.*

*Visitas guiadas ao sítios arqueológicos regionais.*

*Actividade editorial. Órgão do museu – Setúbal Arqueológica.*

Não fazemos uma descrição exaustiva de todas as actividades dos museu em estudo, mas pela síntese geral que apresentamos podemos inferir que não é possível atribuir a estas instituições, qualquer tipo de imobilismo ou escassez na oferta de produtos culturais.

Apresentamos em seguida os dados referentes às actividades realizadas pelos serviços educativos deste museu no ano de 2000, por não estarem ainda disponíveis outros mais actualizados

ACTIVIDADES	VISITANTES
Visita guiada- Calçada romana do Viso	219
Visita guiada - Ruínas romanas do Creiro	316
Visita guiada - Castelo de S. Filipe	48
Visita guiada - Bairro Salgado	159
Visita guiada - Centro histórico geral	37
Centro Histórico - Época medieval e Descobrimentos	318
Centro histórico Barroco	156
Diaporama - Romanização do Estuário do Sado	460

Fonte: Museu de Arqueologia e Etnografia

No livro de visitantes que se encontra na recepção do museu, registaram-se entre 1994 e 2001, 4 616 assinaturas de homens e 4 254 de mulheres, podendo representar uma ou mais pessoas, inclusive grupos, razão que justifica o facto de estes dados não poderem ser considerados como estatísticos, mas apenas

#### 4.1.2.1. UM ATELIER FORMATIVO

As “*Sextas de Pintura*”, foi o nome de um programa de visitas guiadas e animação, que decorreu durante o mês de Novembro 2002. No âmbito desta iniciativa, realizaram-se ateliers formativos em torno do tema “*Viajar na pintura, viajar no Atlas*”.

Todas as manhãs de sexta-feira, os alunos das escolas compareceram no museu para participar nas actividades que se iniciavam com uma visita guiada à exposição de pintura, orientada pela monitora do museu, a qual lhes explicava os temas tratados, as opções do artista, as técnicas de representação plástica utilizadas, as problemáticas da luz e da cor, os valores das várias texturas, das sombras e das perspectivas, em suma, os efeitos ópticos da composição pictórica.

Os alunos foram questionados, questionaram e participaram interactivamente durante toda esta primeira fase. Em seguida, dirigiram-se para uma sala, preparada para o efeito, onde lhes foi distribuído material de suporte e de pintura, a fim de poderem expressar livremente a sua visão pessoal e sensorial do que tinham acabado de ouvir e observar.

Durante o trabalho houve muita actividade e animação, a par com muita concentração e criatividade. Os jovens trocaram ideias entre si, desenvolveram raciocínios e experiências, fizeram crítica e auto-crítica, esclareceram dúvidas e certamente saíram do museu culturalmente enriquecidos.



1- 1º. Ciclo



2- 2º. Ciclo

Ateliers "Sextas da Pintura"

## **CAPÍTULO V**

### **5. METODOLOGIA UTILIZADA NESTE ESTUDO**

Orientámo-nos no sentido de verificar se o museu tem ofertas suficientemente atractivas e variadas, que satisfaçam as expectativas, interesses e necessidades do sistema de ensino formal e se este sistema utiliza regularmente o museu, como recurso ou como instrumento complementar de estudo.

Os procedimentos adoptados nesta pesquisa, têm por finalidade recolher dados sobre a forma como os alunos percebem o museu (inquérito aos alunos) e também a opinião dos professores, sobre os museus e os seus serviços educativos (inquérito aos professores).

#### **5.1. OPÇÕES METODOLÓGICAS DESTE ESTUDO**

##### **5.1.1. JUSTIFICAÇÃO**

Os museus foram seleccionados a partir de três critérios:

1. A proximidade física
2. O facto de ambos apresentarem exposições etnográficas
3. A similitude das visitas ao centro histórico

As escolas foram escolhidas por se situarem nas cercanias do museu, num raio que não deve exceder 1 Km o que, em nossa opinião, poderia constituir um elemento facilitador de interacção entre estas e os museus em análise.

O tipo de observação foi realizado por meio de perguntas de forma indirecta, segundo a técnica de questionário, o que garante a liberdade e o anonimato.

##### **5.1.2. MÉTODO UTILIZADO: ESTUDO DE CASO**

Sendo o estudo de caso um método muito utilizado em Ciências Sociais, nomeadamente em Ciências da Educação, também nós optámos por realizar um estudo desta natureza, porque se submete aos itens que a seguir discriminamos:

- ✓ Realizar uma investigação sobre um fenómeno actual e no seu contexto real;
- ✓ O investigador não poder exercer controlo sobre os acontecimentos;
- ✓ O objectivo principal é a explicação de um fenómeno;

- ✓ Avaliação de processos implicando o estabelecimento lógico e sequencial aos acontecimentos;
- ✓ Tratar-se de um estudo holístico – porque tem em conta a realidade na sua globalidade – que confere maior importância aos processos do que aos produtos, bem como à compreensão e interpretação dessa mesma realidade.

Para assegurar a viabilidade e fiabilidade do método procurámos e relativamente à primeira discutir os resultados obtidos com outros investigadores e envolver os participantes em todas as fases da investigação; a segunda premissa será garantida através da descrição pormenorizada quer da forma como o estudo foi realizado, quer do processo de recolha de dados e da forma como se obtiveram os resultados

Procurámos assim, cumprir as cinco características que Yin (1988) enumerou como necessárias para credibilizar um estudo de caso e que são as seguintes:

1. ser relevante
2. ser completo
3. considerar perspectivas alternativas de explicação
4. evidenciar uma recolha de dados adequada
5. ser suficiente e ser apresentada de uma forma que motive o leitor

### 5.1.3 TÉCNICAS

Como instrumentos metodológicos associados ao Estudo de Caso, as técnicas permitem-nos adoptar os processos de entrevista - que realizámos com as Directoras dos museus em estudo - e o de questionário – que utilizámos para alunos e professores.

A entrevista às Directoras justifica-se porque:

- ✓ existiam questões relevantes a esclarecer e as suas respostas não estavam disponíveis em quaisquer documentos;
- ✓ era necessário comprovar, em profundidade, os dados previamente recolhidos sobre a matéria.

A escolha dos questionários para alunos e professores tem fundamento porque:

- ✓ implica maior simplicidade de análise;
- ✓ permite recolher rapidamente uma maior quantidade de informação;
- ✓ possibilita uma melhor sistematização
- ✓ exige uma menor especialização do investigador.

#### **5.1.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA ESTUDADAS**

A população de alunos foi centrada em 9 escolas da cidade de Setúbal, 3 de cada nível de ensino, sendo a dimensão da amostra de 120 indivíduos no 1º ciclo (40 em cada escola), 120, no 2º. ciclos (40 em cada escola) e de 360, nos 3º. ciclo e secundário (180 em cada escola).

Relativamente aos professores o número de inquiridos foi de 15 para o 1º. Ciclo e de 90 para os restantes ciclos.

Esta pesquisa não tem carácter avaliativo, dado que a nossa intenção é apenas a de aquilatar o conhecimento dos alunos sobre os museus em estudo, o seu grau de receptividade relativamente às visitas que a eles efectuam e às actividades que com eles se relacionam. No que concerne aos professores a finalidade é a de conhecer os índices de frequência das visitas com os alunos, se utilizam os serviços educativos e a forma como se relacionam com eles.

Os resultados desta pesquisa, podem fornecer aos museus indicadores sobre as questões formuladas e sobre a eficácia da sua política de divulgação e difusão.

#### **5.1.5. OBJECTIVOS DA PESQUISA**

Para além das hipóteses que procuramos testar com este estudo, procuraremos atingir outros objectivos, decorrentes da problemática enunciada no início e que enumeramos da seguinte forma:

1. Dar a cada museu uma visão da frequência e do conhecimento ou ausência dele, que a seu respeito, os inquiridos revelam;
2. Facultar-lhes dados sobre as opiniões dos alunos relativamente às visitas de estudo e as dos professores sobre os serviços educativos;
3. Proporcionar-lhes meios de desenvolver ou reformular as suas estratégias de acção educativa e a sua política de comunicação, animação e exposição;
4. Fornecer informações fiáveis e instrumentos, que lhes permitam tratar os conceitos e os problemas que organizam hoje a reflexão sobre os museus.

### **5.1.6. APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

As informações recolhidas através dos questionários aplicados aos dois conjuntos de elementos da amostra, são apresentadas através de tabelas com os dados obtidos e a sua interpretação realizada questão a questão e ponderada segundo os resultados de cada uma.

### **5.1.7. ENTREVISTAS (guião)**

As entrevistas realizadas às directoras dos museus, basearam-se num guião predefinido que anexamos, o qual tem como objectivo conhecer as opções estratégicas e metodológicas do museu na sua interacção com o público e com a comunidade, assim como de que modo interagem com os grupos escolares e o que podem oferecer os seus serviços educativos aos professores e alunos que os solicitam.

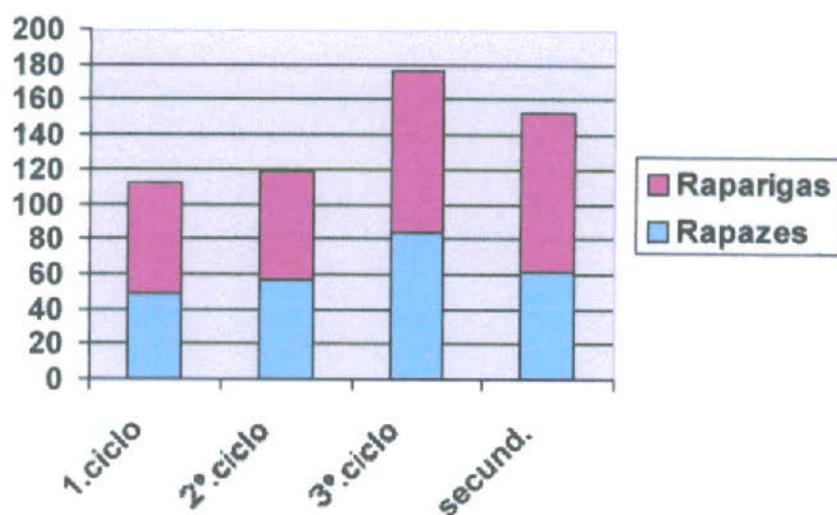
## 5.1.8. SÍNTESE E ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Análise estatística (sem inferências)

**QUADRO 1 – NÚMERO DE ALUNOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO**

Nível de Ensino	Anos	Nº Turmas	Características sociodemográficas	
			Rapazes	Raparigas
1º Ciclo	3º Ano	3	50	70
	4º Ano	3		
2º Ciclo	5º Ano	3	57	63
	6º Ano	3		
3º Ciclo	7º Ano	3	84	96
	8º Ano	3		
	9º Ano	3		
Secundário	10º Ano	3	81	99
	11º Ano	3		
	12º Ano	3		
<b>Totais</b>		<b>30</b>	<b>272</b>	<b>328</b>

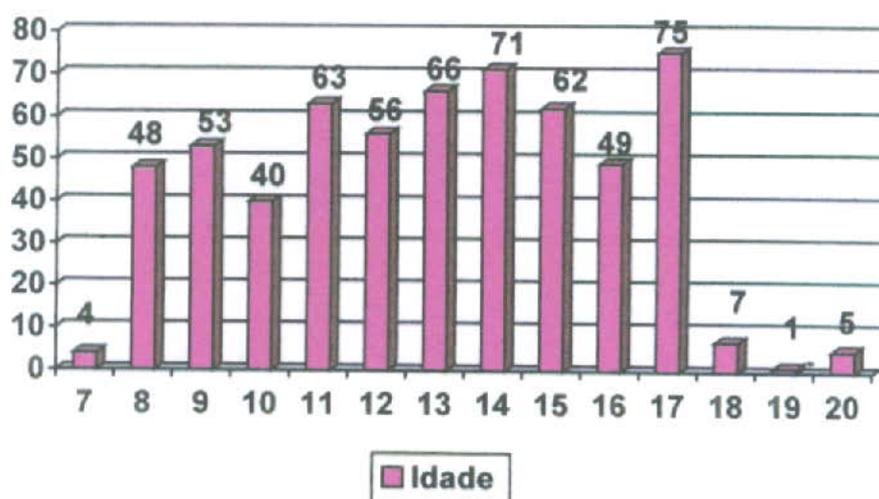
**GRÁFICO 1 – ALUNOS POR SEXO**



**QUADRO 2 - MAPA DE IDADES DOS ALUNOS**

IDADE	NÚMERO	PERCENTAGEM
7	4	0,7
8	48	8
9	53	8,8
10	40	6,7
11	63	10,5
12	56	9,3
13	66	11
14	71	11,8
15	62	10,3
16	49	8,2
17	75	12,5
18	7	1,2
19	1	0,2
20	5	0,8
<b>TOTAL</b>	<b>600</b>	<b>100</b>

**GRÁFICO 2 - ALUNOS POR IDADES**



O estudo foi realizado com alunos do 3º ao 12º Ano, numa faixa etária que vai dos 7 aos 20 anos.

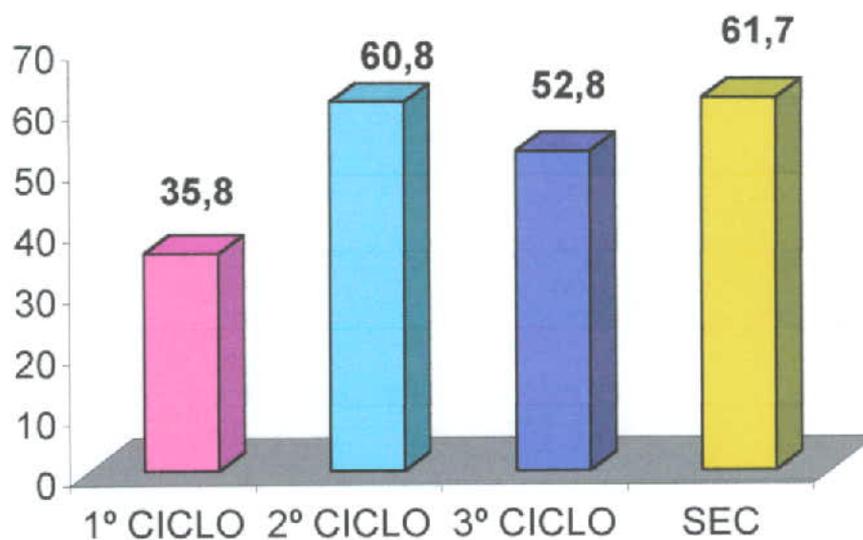
A média de idades é de 13 anos e a maioria dos elementos da amostra (75%), encontra-se na faixa dos 11 – 17 anos. São, portanto, alunos que frequentam o 3º Ciclo ou o Secundário

## QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

### QUADRO 3 – SE JÁ VISITOU O MUSEU DO TRABALHO

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	323	53,9
Não	237	39,5
Não responde	40	6,7
TOTAL	600	100

### GRÁFICO 3 – RESPOSTAS POR CICLO – MUSEU DO TRABALHO



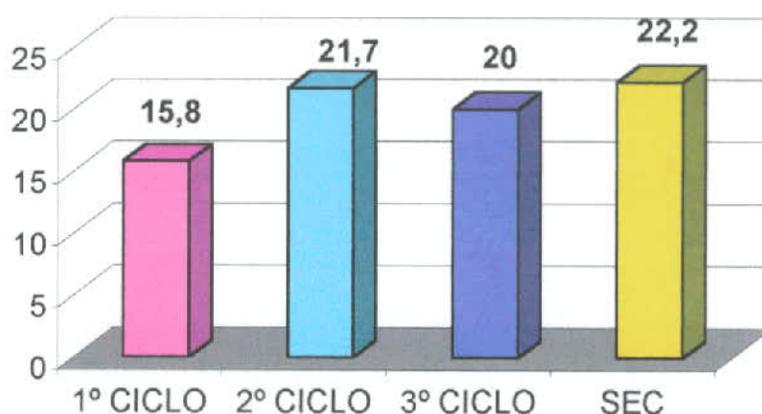
Dos 600 alunos questionados apenas 323 já visitaram o Museu do Trabalho, o que representa uma percentagem de 54%.

Dos 323 que já visitaram o Museu do Trabalho, 206 são alunos do 3º Ciclo ou Secundário, o que representa uma percentagem de 64%.

#### QUADRO 4 – SE JÁ VISITOU O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	104	17,3
Não	439	73,2
Não responde	57	9,5
TOTAL	600	100

#### GRÁFICO 4 – RESPOSTAS POR CICLO – MUSEU DE ARQUEOLOGIA

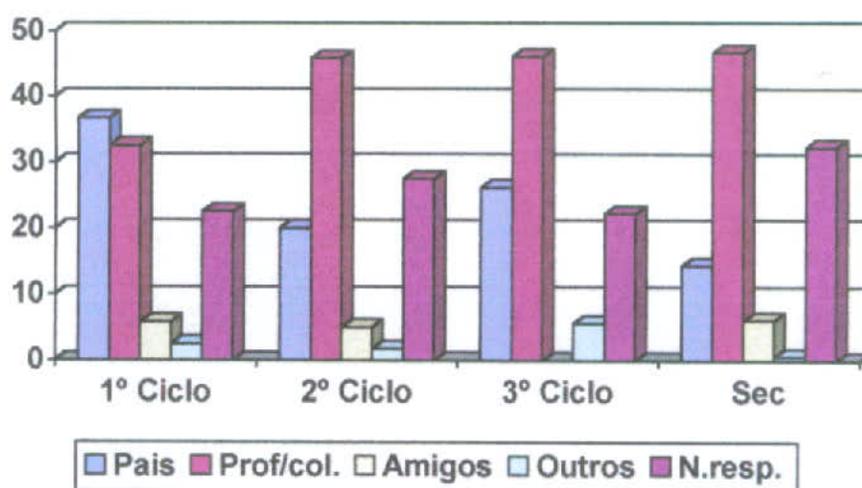


Como podemos observar, o Museu de Arqueologia e Etnografia não é tão visitado como o Museu do Trabalho, embora estejam os dois na mesma cidade. Apenas 17,3% afirmaram já ter visitado o museu. São, também, os alunos do 3º Ciclo e/ou do Secundário os que maioritariamente (63%) afirmaram já ter visitado o museu.

**QUADRO 5 – COM QUEM COSTUMA VISITÁ-LOS**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Pais	141	23,5
Professores e colegas da escola	265	44,2
Amigos	33	5,5
Outros	6	1
Não responde	155	25,8
<b>TOTAL</b>	<b>600</b>	<b>100</b>

**GRÁFICO 5 – CATEGORIAS POR CICLO**

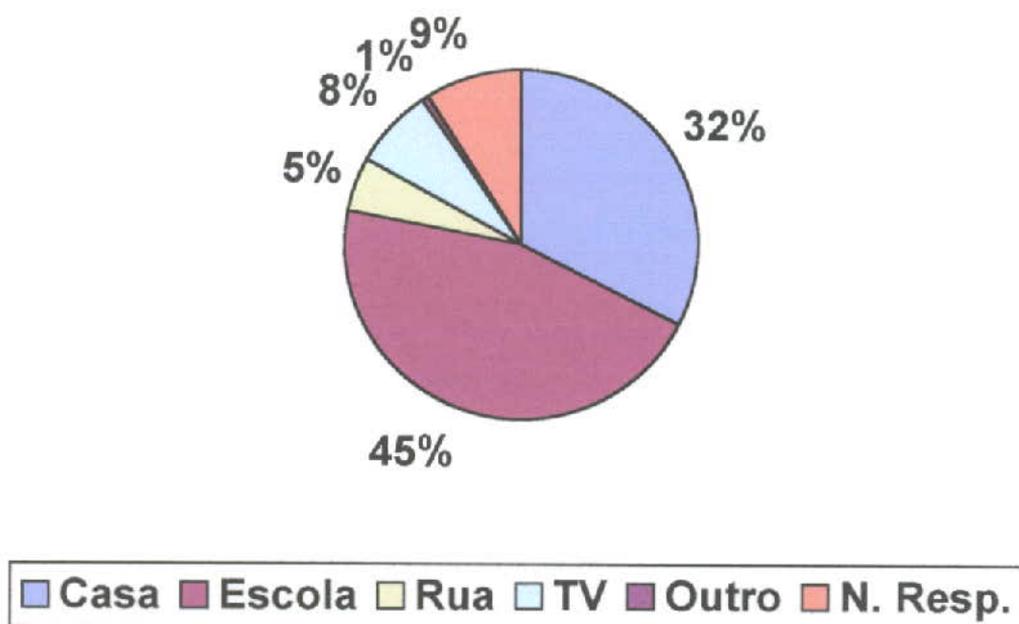


É através da Escola que os alunos (44%) visitam os museus, o que reforça a ideia de melhorar a colaboração entre estas instituições.

Também nos parece relevante o número de alunos (24%) que afirmam visitar os museus com os pais. É, no entanto, uma percentagem baixa dado não existirem hábitos culturais regulares de visita aos museus.

**QUADRO 6 – ONDE OUVIU FALAR NO MUSEU PELA PRIMEIRA VEZ**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Em casa	195	32,5
Na escola	273	45,5
Na rua	30	5
Na televisão	45	7,5
Outro local:	4	0,7
Não responde	53	8,8
Total	600	100

**GRÁFICO 6 – LOCAIS INDICADOS**

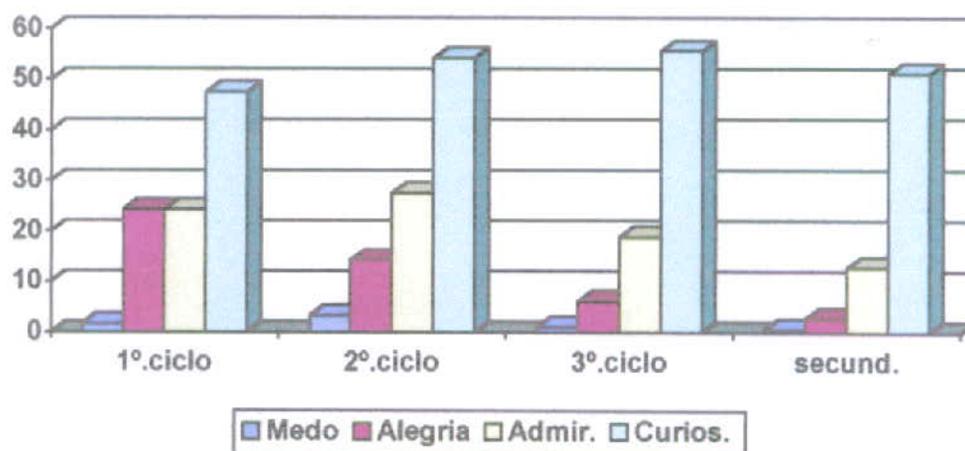
Foi na Escola ou em casa com familiares que os alunos (78%) ouviram falar no museu, pela primeira vez.

Curioso é verificar que a televisão, sendo um meio privilegiado dos jovens, seja tão pouco referido (7,5%).

**QUADRO 7 – O QUE SENTIU NA PRIMEIRA VEZ QUE ENTROU NO MUSEU**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Medo	10	1,7
Alegria	62	10,3
Admiração	119	19,8
Curiosidade	314	52,3
Outras	28	4,7
Não responde	67	11,2
Total	600	100

**GRÁFICO 7 – VARIAÇÃO POR CICLO**

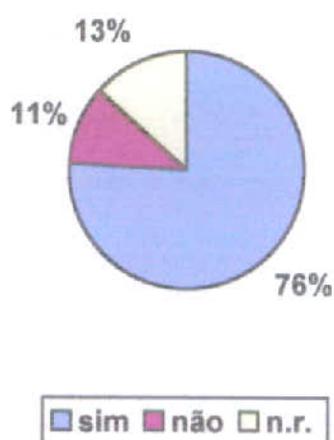


A maioria dos alunos (72%) sentiu curiosidade e/ou admiração quando entrou pela primeira vez no museu. Alguns alunos referiram Ter sentido medo, provavelmente, pelo aspecto “austero” e “estático” do museu.

**QUADRO 8 – GOSTO PELAS VISITAS DE ESTUDO AO MUSEU**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	455	75,8
Não	65	10,8
Não responde	80	13,4
Total	600	100

**GRÁFICO 8 – GOSTO PELAS VISITAS, EM PERCENTAGEM**



É sabido a importância das visitas de estudo no processo ensino/aprendizagem. No entanto, nem sempre os alunos se entusiasmam com essas visitas. Em presença da percentagem obtida, verificamos que 76% dos alunos questionados gostam de visitas organizadas aos museus.

**QUADRO 9 – OPINIÃO SOBRE: SE AS VISITAS AOS MUSEUS OU TRABALHOS REALIZADOS SOBRE ELES DEVERIAM SER AVALIADOS NA ESCOLA**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	318	53
Não	191	31,8
Não responde	91	15,2
Total	600	100

**GRÁFICO 9 – OPINIÃO, EM PERCENTAGEM**



Mais de metade dos alunos (53%) entende que os trabalhos efectuados sobre os museus, no decurso de visitas de estudo, deveriam ser objecto de avaliação na escola. Esta opinião entender-se-á num contexto mais abrangente do nosso sistema de ensino, em que se procura, muitas vezes, interessar e motivar os alunos através da avaliação e das suas implicações na vida escolar dos mesmos.

**QUADRO 10 – COM QUEM GOSTA DE OS VISITAR**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Com os pais: Sim	273	45,5
Não	13	2,2
Às vezes	100	16,6
Com os amigos: Sim	72	12
Não	28	4,7
Às vezes	25	4,2
Não Responde	89	14,8
Total	600	100

**GRÁFICO 10 – RESPOSTAS POR CATEGORIA**

Quando questionados sobre se gostam mais de visitar os museus com os pais ou com os amigos, fica claro que a escolha recai sobre os pais, embora seja hábito visitá-los com professores e colegas de turma, como vimos no quadro 5.

### QUADRO 11 – OPINIÃO SOBRE OS MUSEUS

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Agradáveis	121	20,2
Aborrecidos	60	10
Interessantes	389	64,8
Não responde	30	5
Total	600	100

GRÁFICO 11 – OPINIÃO, EM PERCENTAGEM



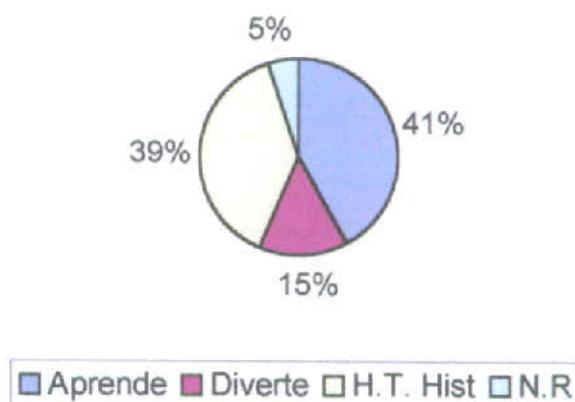
A maioria dos alunos (85%) considera que os museus são locais interessantes e/ou agradáveis.

Não sendo, no entanto, de desprezar a informação recolhida que apresenta 10% dos alunos que afirmam ser os museus locais aborrecidos.

**QUADRO 12 – O MUSEU É UM LOCAL ONDE:**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Aprendes	254	42
Te divertes	87	14,5
Onde podes conhecer hábitos, tradições e histórias do passado	231	38,5
Não responde	30	5
Total	600	100

**GRÁFICO 12 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

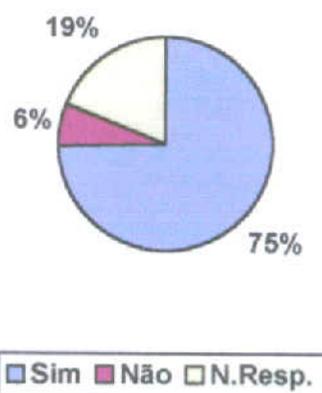


Para estes alunos os museus são locais onde se aprende (42%) e onde se podem conhecer hábitos, tradições e histórias do passado (39%). Também pode ser um local de divertimento para 15% dos alunos questionados.

**QUADRO 13 – O MUSEU DEVE TER ATELIERS COM ACTIVIDADES DE ANIMAÇÃO?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	449	74,8
Não	37	6,2
Não responde	114	19
Total	600	100

**GRÁFICO 13 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

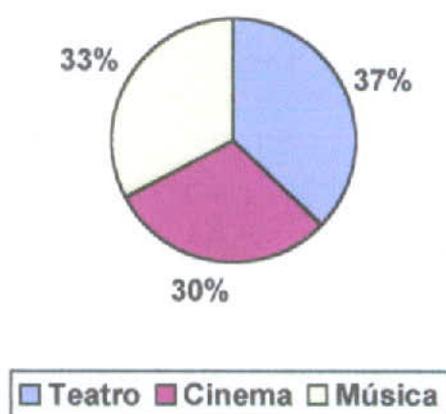


Os museus são locais interessantes e agradáveis, como já foi referido, no entanto, a maioria dos alunos (75%) entende que o museu deveria ter (também) ateliers com outras actividades e mais animação sociocultural.

**QUADRO 14 – ACTIVIDADES QUE O MUSEU DEVIA OFERECER**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Teatro	203	33,8
Cinema	219	36,5
Música	178	29,7
Não responde	0	0
Total	600	100

**GRÁFICO 14 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**



Os alunos consideram que o museu poderia oferecer maior animação, através do recurso a peças de teatro, recitais de música e fitas de cinema.

## INQUÉRITO AOS PROFESSORES

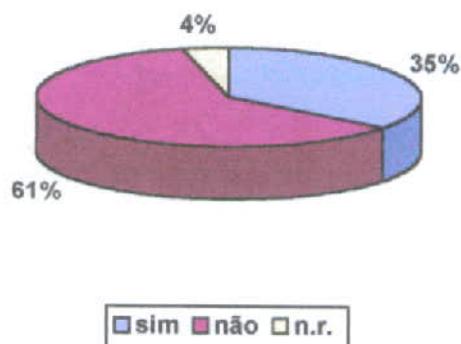
### QUADRO 15 - MAPA DE IDADES DOS PROFESSORES

HOMENS	IDADE	PERCENT.	MULHERES	IDADE	PERCENT.
1	24	0,95	1	24	0,95
			1	25	0,95
			4	26	3,8
			1	27	0,95
1	28	0,95	1	28	0,95
2	29	1,9	2	29	1,9
1	30	0,95			
			4	31	3,8
1	32	0,95	5	32	4,8
1	33	0,95	3	33	2,9
			2	34	1,9
1	35	0,95	5	35	4,8
2	36	1,9	2	36	1,9
1	37	0,95	1	37	0,95
2	38	1,9	8	38	7,6
2	39	1,9			
1	40	0,95	5	40	4,8
1	41	0,95	4	41	3,8
2	42	1,9			
1	43	0,95	2	43	1,9
			3	44	2,9
1	45	0,95	1	45	0,95
1	46	0,95	4	46	3,8
			3	47	2,8
			1	48	0,95
1	49	0,95	1	49	0,95
1	50	0,95	1	50	0,95
			1	51	0,95
3	52	2,9	5	52	4,8
1	54	0,95	1	54	0,95
			1	55	0,95
			2	56	1,9
			1	57	0,95
			1	58	0,95
<b>28</b>	<b>TOTAL</b>	<b>26,7</b>	<b>77</b>	<b>TOTAL</b>	<b>73,3</b>

**QUADRO 16 – SE REALIZA REGULARMENTE VISITAS DE ESTUDO AOS MUSEUS**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	37	35,2
Não	64	61
Não responde	4	3,8
Total	105	100

**GRÁFICO 15 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

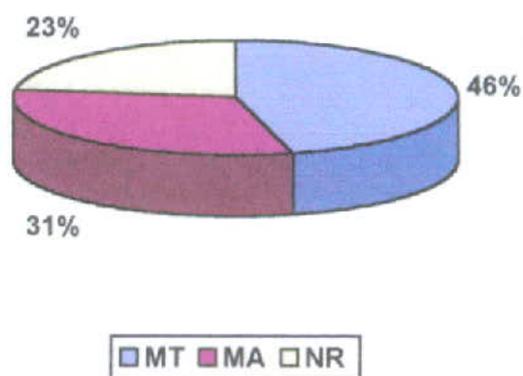


Como podemos observar, a maioria dos docentes questionados (61%) não realizam visitas de estudo aos museus, com regularidade. Talvez assim se entendam as razões porque grande parte dos alunos ainda não tenham visitado o Museu do Trabalho (40%) ou o Museu de Arqueologia e Etnografia (73%).

**QUADRO 17 – O MUSEU PREFERIDO**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Museu do Trabalho	48	45,7
M. Arqueologia/ Etnografia	33	31,4
Não responde	24	22,9
Total	105	100

**GRÁFICO 16 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

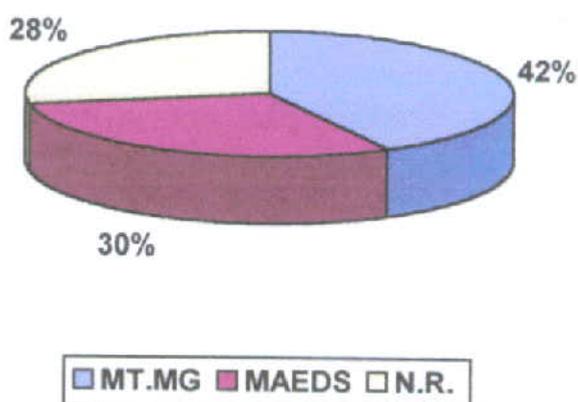


O Museu do Trabalho merece a preferência de 46% dos docentes questionados. Já para 31% deles o Museu de Arqueologia e Etnografia é o preferido.

**QUADRO 18 – QUAL O MAIS VISITADO**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Museu do Trabalho	44	42
M .Arqueologia/Etnografia	32	30
Não responde	29	28
Total	105	100

**GRÁFICO 17 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

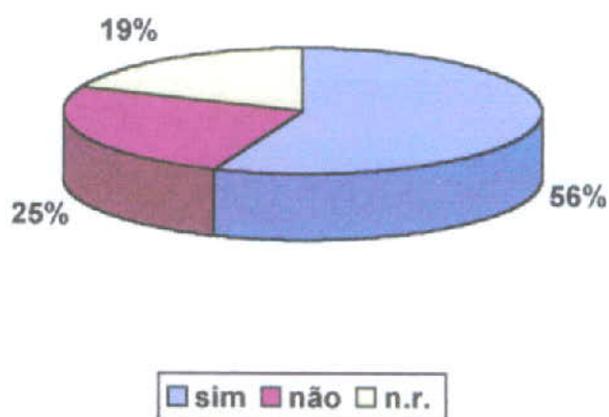


O Museu do Trabalho sendo o preferido pela maioria dos docentes é o mais visitado dos dois. Assim, 42% dos docentes visita com maior frequência o Museu do Trabalho enquanto 30% afirma visitar com maior frequência o Museu de Arqueologia e Etnografia.

### QUADRO 19 – SE PREPARA AS VISITAS EM ARTICULAÇÃO COM OS SERVIÇOS EDUCATIVOS

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	59	56,2
Não	26	24,8
Não responde	20	19
Total	105	100

GRÁFICO 18 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM

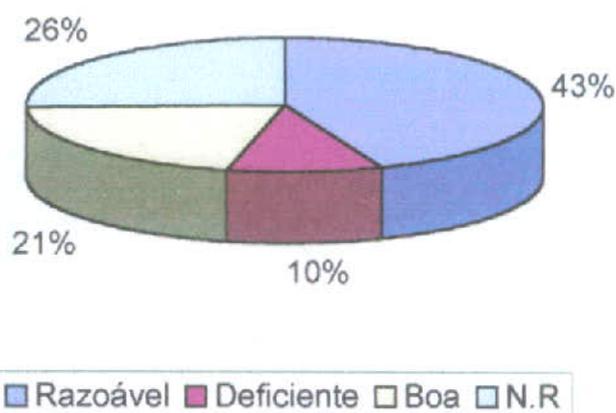


As visitas são preparadas com os serviços educativos do museu por 56% dos docentes questionados, verificando-se, igualmente, muitos docentes (25%) que não procuram fazer essa articulação.

**QUADRO 20 – COMO VÊM A ARTICULAÇÃO DO MUSEU COM A ESCOLA**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Razoável	46	44
Deficiente	10	9,5
Boa	22	21
Não responde	27	25,5
Total	105	100

**GRÁFICO 19 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**



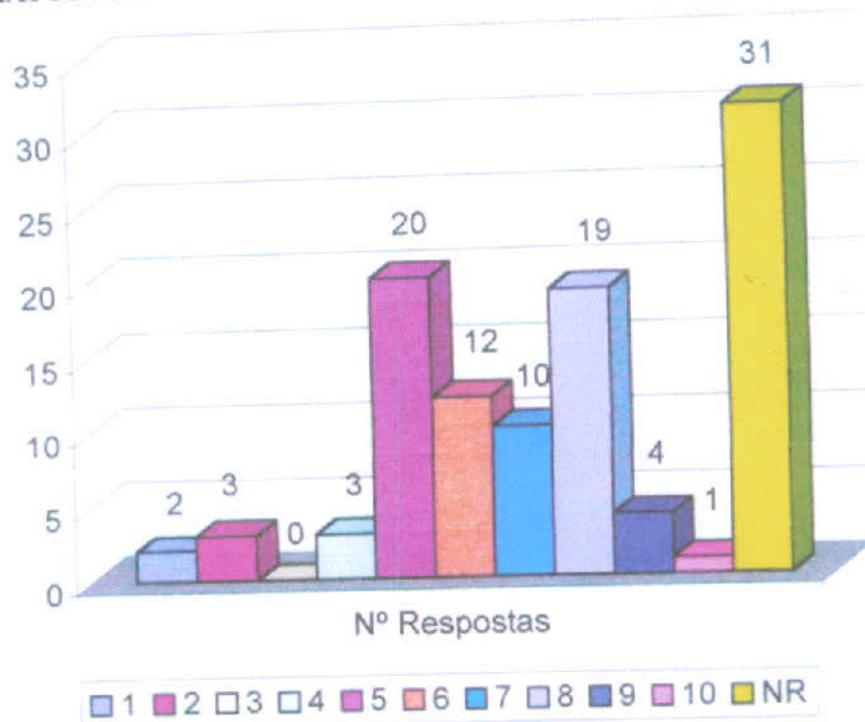
Como vimos, parte dos docentes (25%) não planifica as visitas em articulação com os serviços educativos do museu, talvez por isso, grande parte dos docentes (44%) considera ser apenas razoável essa articulação. Só 21% a considera boa e 10% deficiente.

### QUADRO 21 – NUMA ESCALA DE 1 A 10 COMO CLASSIFICA ESSA ARTICULAÇÃO

Escala	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nº Respostas	2	3	0	3	20	12	10	19	4	1
Não Responde	31									

Nota: ( 1 ) significa “muito má” ( 10 ) significa “excelente”

### GRÁFICO 20 – CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO ESCALA DE 1 A 10

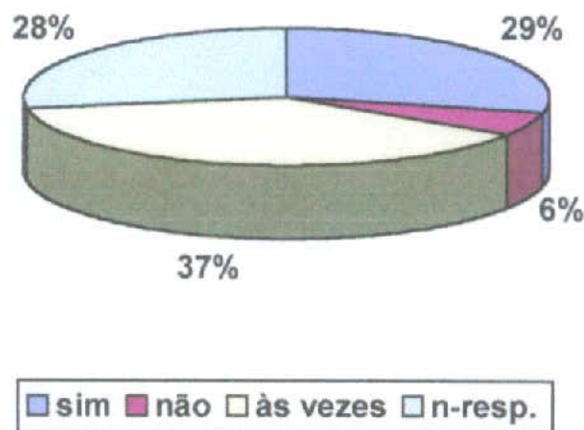


Essa articulação museu/escola pode ser medida através de uma escala tipo Likert, em que 1 significa “uma articulação péssima” e 10 “uma articulação excelente”. Como podemos observar, a maioria dos docentes questionados (58%) assinalou na escala valores de 5 a 8.

**QUADRO 22 – RESPOSTA CABAL DOS SERVIÇOS ÀS SOLICITAÇÕES**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	30	28,6
Não	6	5,7
Às vezes	40	38,1
Não responde	29	27,6
Total	105	100

**GRÁFICO 21 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

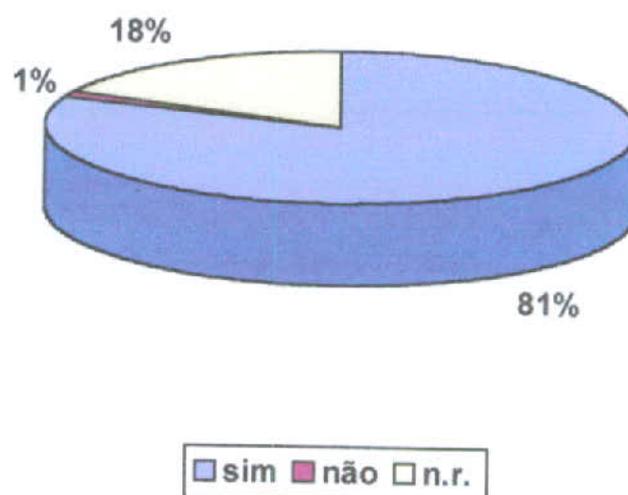


Sobre as respostas dos serviços às solicitações dos docentes, parte destes (29%) consideram-nas adequadas, outros (38%) só às vezes.

Também aqui, cerca de 28% dos docentes não respondeu à questão.

**QUADRO 23 – O MUSEU E A ESCOLA DEVEM PLANIFICAR EM CONJUNTO AS VISITAS?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	85	80,95
Não	1	0,95
Não responde	19	18,1
Total	105	100

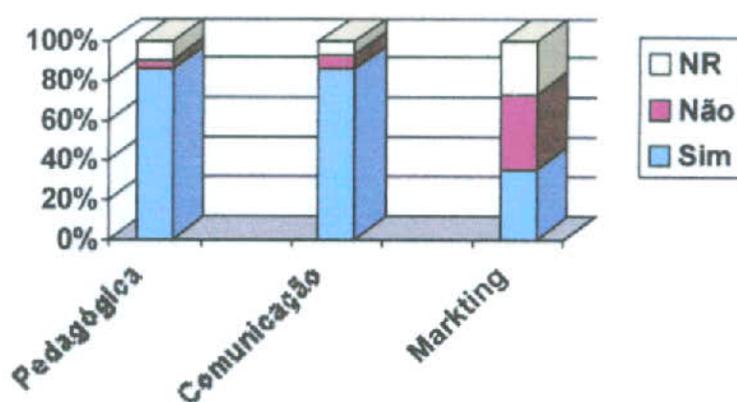
**GRÁFICO 22 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

Os docentes, tal como defendem uma boa articulação entre a escola e o museu, entendem (81%) que a planificação das visitas deveria ser feita em conjunto.

**QUADRO 24 – OS TÉCNICOS QUE TRABALHAM NOS MUSEUS  
DEVERIAM TER FORMAÇÃO?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
<u>Na área pedagógica:</u>		
Sim	90	85,6
Não	5	4,8
Não responde	10	9,6
<u>Na área da comunicação:</u>		
Sim	90	85,6
Não	8	7,6
Não responde	7	6,8
<u>Na área do marketing:</u>		
Sim	37	35,2
Não	40	38,1
Não responde	28	26,7
Total	105	100

**GRÁFICO 23 – RESULTADOS POR ÁREA E EM PERCENTAGEM**

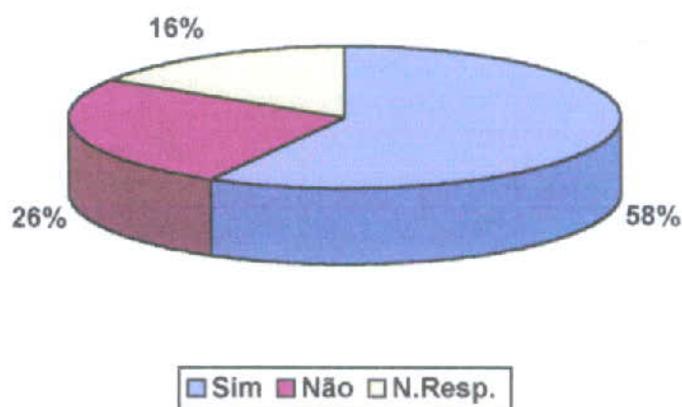


Quando questionados sobre se os técnicos deveriam ter formação, os docentes, maioritariamente, respondem que sim para as áreas pedagógica e de comunicação (86%) e não para a área de marketing (38%).

**QUADRO 25 – OS CONSERVADORES DOS MUSEUS DEVERIAM TER  
FORMAÇÃO EM GESTÃO?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	61	58,1
Não	27	25,7
Não responde	17	16,2
Total	105	100

**GRÁFICO 24 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**



Tal como os técnicos deveriam ter formação nas áreas pedagógica e de comunicação, também os conservadores dos museus deveriam ter formação na área de gestão, para a maioria dos docentes (58%).

**QUADRO 26 – SERIA DESEJÁVEL QUE O MUSEU REALIZASSE EXPOSIÇÕES NAS ESCOLAS?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	99	94,2
Não	3	2,9
Não responde	3	2,9
Total	105	100

**GRÁFICO 25 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

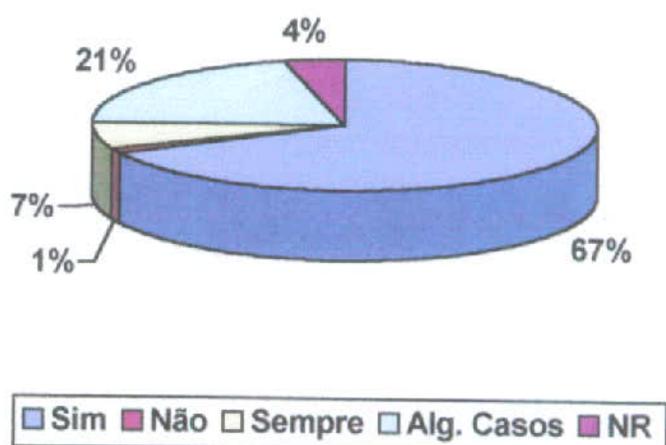


Quase todos os docentes (94%) entendem que seria desejável que o museu realizasse exposições nas escolas.

**QUADRO 27 – SE DEVERIA HAVER UMA MAIOR INTERACÇÃO E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NO INTERIOR DO MUSEU**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	71	67,6
Não	1	0,95
Sempre	7	6,7
Em alguns casos	22	20,95
Não responde	4	3,8
Total	105	100

**GRÁFICO 26 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

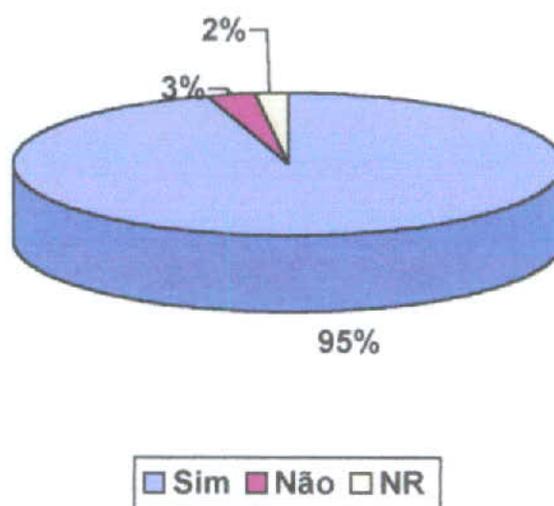


Uma maior interacção e animação sociocultural no interior dos museus é defendida pela maioria dos docentes questionados (68%), embora para 21% deles essa interacção e animação só se justifique em alguns casos.

**QUADRO 28 – PENSA QUE SERIA ÚTIL A EXISTÊNCIA DE ATELIERS  
FORMATIVOS?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	100	95,2
Não	3	2,9
Não responde	2	1,9
Total	105	100

**GRÁFICO 27 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

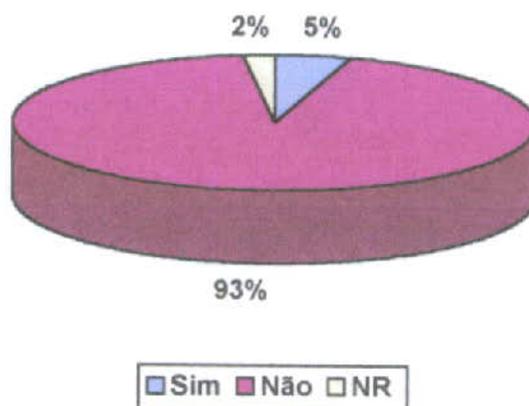


A interação e animação sociocultural que defendem também seria conseguida através de ateliers formativos. Assim, para 95% dos docentes questionados seria útil a existência desses ateliers.

**QUADRO 29 – SERÁ QUE OS MUSEUS VÃO DESAPARECER FACE À SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO?**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	5	4,8
Não	98	93,3
Não responde	2	1,9
Total	105	100

**GRÁFICO 28 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

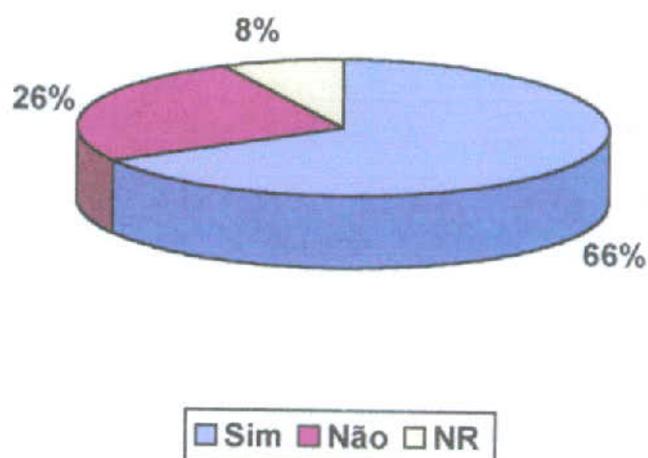


A maioria dos docentes (93%) entende que os museus sobreviverão à actual sociedade de informação.

**QUADRO 30 – SENTE-SE SATISFEITO/A COM OS SERVIÇOS E O ACTUAL DESEMPENHO DOS MUSEUS?**

RESPOSTA	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	70	66,7
Não	27	25,7
Não responde	8	7,6
Total	105	100

**GRÁFICO 29 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**

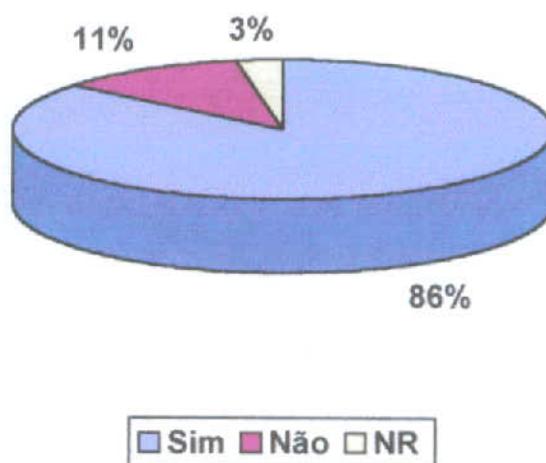


Embora considerem que deveria haver maior interacção e animação nos museus, grande parte dos docentes (67%) considera-se satisfeito com os serviços prestados e com a actual desempenho dos museus. Também é significativa a percentagem (26%) dos insatisfeitos.

**QUADRO 31 – OPINIÃO SOBRE SE DEVERIAM EXIBIR FILMES OU REPRESENTAÇÕES TEATRAIS**

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
Sim	90	85,7
Não	12	11,4
Não responde	3	2,9
Total	105	100

**GRÁFICO 30 – RESPOSTAS, EM PERCENTAGEM**



Como já vimos, a maioria dos docentes gostaria que houvesse maior interação e animação nos museus e, nessa medida, entendem que os museus deveriam exibir filmes ou representações teatrais.

**QUADRO 32 – SE CONSIDERA QUE O MUSEU DESEMPENHA UM PAPEL RELEVANTE:**

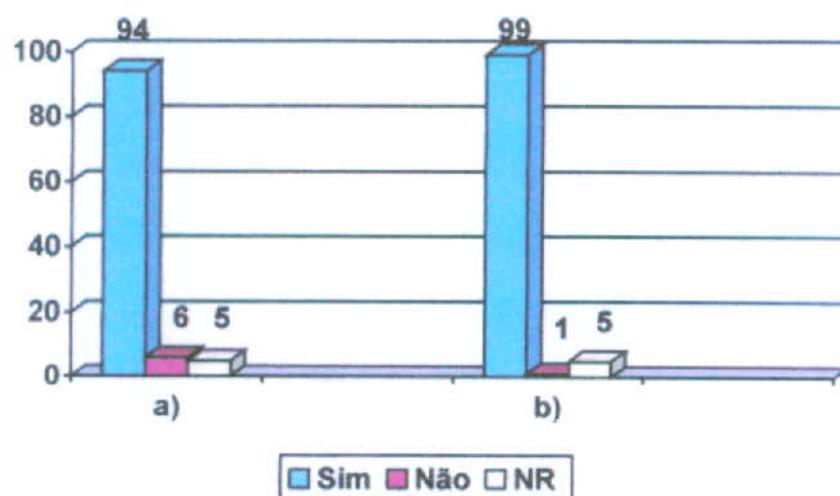
- a) NO DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO
- b) NO DESENVOLVIMENTO DOS SISTEMAS DO CONHECIMENTO

RESPOSTAS	NÚMERO	PERCENTAGEM
a) Sim	94	89,5
Não	6	5,7
Não responde	5	4,8

b) Sim	99	94,3
Não	1	0,95
Não responde	5	4,75

Total	105	100
-------	-----	-----

**GRÁFICO 31 – RESPOSTAS POR DOMINANTE**



O museu pode desempenhar um papel relevante no desenvolvimento do ser humano (para 90% dos docentes) e no desenvolvimento dos sistemas do conhecimento (para 94%).

## CAPÍTULO VI

### 6. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

#### 6.1 EXPLORAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Neste ponto, procedemos à exploração dos resultados dos dados obtidos nos questionários de alunos e professores.

Relativamente aos dois museus em estudo, verificamos que é mais elevada a percentagem de alunos que dizem já ter visitado o MT (53,9%) do que a dos que afirmam ter já visitado o MA (17,3%). Pensamos que esta discrepância releva do facto de as colecções do MT, estarem muito ligadas ao quotidiano e também, porque a reconstituição cenográfica da indústria conserveira, terá ainda uma carga afectiva e emocional importante para muitas famílias que, durante décadas, nela trabalharam ou com ela estiveram relacionadas.

Apesar de ser mais elevada a percentagem dos que declaram ter ouvido falar do museu pela primeira vez na escola (45,5%), consideramos relevante o facto de 32,5% ter tomado conhecimento da sua existência em casa e de afirmarem em segundo lugar que os visitam com os pais (23,5%), o que parece corroborar as nossas deduções anteriores, ainda que seja no contexto escolar que (44,2%) diz realizar o maior número de visitas.

No caso do MA, a sua colecção etnográfica visível e visitável, no interior do museu, está mais ligada aos utensílios da lavoura e a actividades domésticas como a tecelagem e os bordados ou a profissões de cariz familiar como sapateiro, costureira, alfaiate, carpinteiro, etc.

O seu acervo mais importante está espalhado por toda a região, nas estações arqueológicas onde foram encontrados os vestígios, jazidas e ruínas, o que implica, em grande parte, deslocações e caminhadas que tornam, eventualmente, menos exequíveis as visitas de estudo dos grupos escolares.

Estas peculiaridades, levam-nos a deduzir que estas podem ser as razões pelas quais os professores visitam em maior percentagem o MT com os seus alunos (42%) apesar de 30% afirmar que realiza visitas ao MA. Ainda que, sem o rigor dos dados estatísticos, mas apenas com base nos indícios apreendidos pela observação directa que fizemos durante esta investigação, pudemos concluir que estas visitas são mais frequentes ao MT nos 1.º e 2.º Ciclos e ao MA, nos 3.º Ciclo e secundário.

Os professores reconhecem não frequentar regularmente os museus (61%), o que nos parece lamentável, pois somos de opinião que esse alheamento se projecta na sua prática pedagógica, uma vez que consideramos de grande importância incentivar nos jovens o gosto pelos hábitos culturais. Quanto às suas preferências pessoais, existe um equilíbrio relativo entre os que afirmam preferir o MT (45,7%) e os que escolhem o MA (31,4%).

Ao nível psicossociológico a curiosidade é o sentimento mais referido (52,3%), seguido da admiração (19,8%) e da alegria (10,3%), sendo pouco significativa a percentagem dos que admitem ter sentido medo (1,7%). De entre as outras alternativas referidas salientamos: as seguintes:

*Interesse* – 8 respostas - 1,3%

*Indiferença* – 5 respostas – 0,8%

*Nada* – 4 respostas - 0,7%

*Respeito* – 2 respostas – 0,3%

*Divertido* – 2 respostas – 0,3%

Individualmente encontramos: *desilusão, aborrecimento, má-disposição, cansaço, espanto*. Finalmente, um diz que achou *piada* e um outro que é *bonito*.

Uma elevada percentagem do alunos (75,8%) diz gostar de visitar os museus e considera que os trabalhos que desenvolvem, quer durante a preparação da visita, quer no seu decurso ou e após a sua realização, deveriam ser objecto de avaliação na escola, o que pressupõe que, do seu ponto de vista, estas actividades estão directamente relacionadas com a aprendizagem e contribuem para o seu enriquecimento cultural. Também, nós pensamos que as actividades desenvolvidas no museu, quando enquadradas no contexto de unidades didácticas previamente definidas, podem não só constituir uma valiosa experiência pedagógica, mas também uma experiência cultural e socialmente enriquecedora.

Para além de os escolares gostarem das actividades no e com o museu, também consideram que estes são lugares interessantes (64,8%) e agradáveis (20,2%). Como esta questão não era completamente fechada, os jovens tiveram oportunidade de particularizar outras opiniões, sendo as mais comuns:

- *Aprender mais* (32%)
- *Conhecer «coisas» novas* (17%)
- *Ver «coisas» antigas* (28%)

Não respondem 17,5% e os restantes 5,5% dizem que o museu é agradável, aborrecido ou interessante porque:\*

- *tem coisas antigas e descobertas incríveis*

- *são lugares muito importantes para nós*
- *se aprende a cultura de Portugal*
- *ajuda a conhecer e aprender algumas partes da nossa história*
- *divirto-me muito*

1º. Ciclo

- *tem muita sabedoria*
- *tem muitas coisas para descobrir*
- *se estivermos a fazer um trabalho, ajuda*
- *posso «encher» o conhecimento*
- *tem muito mistério*
- *é uma coisa sagrada e dos antepassados*
- *são interessantes, giros e aborrecidos*
- *«aquilo» é muito espantoso*

2º. Ciclo

- *porque tem coisas velhas e engraçadas*
- *temos algo interessante para fazer um trabalho de grupo*
- *tem muitíssimo a ver com a história*
- *parece um mundo diferente*
- *é uma grande seca, mas é um motivo para não ir às aulas*
- *gosto de ver o esforço das pessoas que o criaram e de ver as coisas criadas*
- *são locais agradáveis e aborrecidos, porque as pessoas cansam-se e aprendem*
- *andamos sempre de um lado para o outro e torna-se chato*

3º. Ciclo

- *instruem, mesmo a quem já os viu uma, duas, três vezes ...*
- *dão-nos outra visão das coisas*
- *são confortáveis e respira-se cultura*
- *dão-nos a percepção de outras realidades. Construção do conhecimento.*
- *fazem-nos pensar*
- *abrem novos horizontes, são educativos*
- *assemelham-se a poços de cultura*
- *falta dinâmica e recursos interactivos. Rotinização dos guias.*

- *não tem movimento*
- *quando fui, o senhor ficou horas a falar*
- *aprendemos coisas que não se aprendem na sala de aula*

Secundário

- Transcrição integral

Em grande parte, estas frases revelam têm uma opinião sobre a função educativa do museu e valorizam o que nele aprendem, o que deveria constituir, uma motivação para os professores explorarem e aproveitarem da melhor forma esta apetência dos seus educandos. No entanto, verificamos que apenas 35,2% visita regularmente os museus, apesar de 94,5% reconhecerem a sua relevância no desenvolvimento dos sistemas do conhecimento e 89,5% afirmarem que este desempenha um papel importante no desenvolvimento do ser humano.

Para Freitas (1001:1) (...) *o museu deixa de ser um local "a visitar", para ser um local de "vivência experiencial" tão importante como a "normal" sala de aula, o laboratório ou o campo e que, para além de conhecimentos específicos pode constituir "uma fonte de aprendizagem" sobre a natureza da ciência e das metodologias científicas e sua relação com outras actividades humanas (...)* verdade que é também aplicável a todas as áreas do conhecimento.

Porém, já não estamos completamente em consonância com este autor quando, mais adiante, considera que (...) *as escolas e os professores devem encarar os museus como importantes recursos educativos (...)* e defende que as visitas devem ser (...) *cuidadosamente preparadas por professores e alunos (...)* o que, sendo mais do que uma necessidade, um imperativo para que a visita atinja plenamente os seus objectivos, não sugere, em nenhum momento, a participação ou colaboração dos serviços educativos do museu, que são, na figura dos seus monitores, um parceiro valioso e imprescindível.

Do ponto de vista do articulista, o museu é um serviço que devemos utilizar como recurso educativo o que, não tendo *a priori* nada de errado, o coloca ao nível de qualquer livro ou utensílio informático. Sabemos que esta é ainda, a perspectiva de muitos professores, no entanto, 85,95% dos nossos inquiridos gostariam de planificar as visitas de estudo em conjunto com os museus, enquanto 66,7% se revelam pouco satisfeitos com os serviços educativos. e o actual desempenho dos museus.

É aqui, que a nosso ver, a comunicação e a interacção claudicam bastante. Por um lado, os museus respondem, talvez nem sempre como os professores desejam quando são solicitados, por outro as escolas apenas o procuram, quando deles necessitam e é neste quadro que consideram preparar as visitas e estar a trabalhar em articulação com os serviços

educativos. Mais do que um problema de funcionamento deficiente é uma questão de repensar as atitudes de cada instituição e de estabelecer pontes de diálogo que propiciem uma colaboração e articulação efectivas.

Os professores mostram-se favoráveis a uma intervenção mais visível e efectiva do museu na escola, mas quando questionámos os serviços educativos das duas instituições museológicas, foi-nos dito que existem diaporamas e exposições itinerantes preparadas para as escolas.

O problema é que, por um lado, estas nem sempre dispõem de espaços adequados para as acolher e, por outro, esperam que os serviços educativos levem todo o material e organizem as actividades.

Os técnicos dos serviços de educação dos museus que estudámos, evidenciam a maior disponibilidade para colaborar com todas as escolas que solicitem os materiais formativos, mas argumentam que tem de haver colaboração e coordenação entre todos os intervenientes.

Ainda que 85,6% dos professores sejam favoráveis a que os técnicos dos museus possuam formação na área pedagógica, nós consideramos que, sendo desejável, não é fundamental, desde que os dois grupos trabalhem em conjunto. Já no que refere à comunicação, estamos totalmente de acordo com os também 85,6% que responderam afirmativamente, porque ainda que a comunicação deva ser recíproca, pensamos que devido à sua função de acolher e interagir com os seus visitantes, são acrescidas as suas responsabilidades nessa área.

Quanto à formação na área do marketing, apesar de 38,1% dos professores a considerarem desnecessária e apenas 32,5% se pronunciarem pela sua utilidade, pensamos que ela se justifica, na medida em que, permite identificar com mais precisão as necessidades, os interesses e as preferências dos visitantes, potencializar os recursos e formular estratégias para divulgar as suas actividades com eficácia, de forma a evidenciar a qualidade e atractivos das suas ofertas.

Mesmo assim, quando se pede aos professores para classificarem escalarmente o grau de articulação entre museu e escola, a maioria classifica-os entre 5 e 8, o que pressupõe um nível de satisfação entre o médio e o bastante bom.

Como verificamos, para 58,1% dos professores, o conservador do museu deve ter formação na área da gestão. Segundo Lord (1998:19) (...) *o gestor deve: inspirar, comunicar, dirigir, controlar, avaliar* (...) e noutro passo diz que (...) *o gestor deve acreditar na missão, deve tocar-lhe emocionalmente do mesmo modo que intelectualmente* (...) - Na opinião dos nossos inquiridos, como na do autor que citámos, na actualidade as funções científicas não

são inconciliáveis com uma gestão que tenha em conta, não só a investigação, a gestão do acervo e das colecções, mas também a das necessidades e expectativas das pessoas a nível interno e externo, da variedade dos seus programas e exposições, das iniciativas que atraíam amigos, visitantes e novos segmentos da comunidade.

Ambos ao grupos dos nossos inquiridos gostariam que os museus oferecessem ateliers formativos e actividades práticas nas áreas da cultura, das novas tecnologias e dos produtos multimédia, o que pode constituir um incentivo para os mesmos investirem em actividades criativas, na formação e nas arte manuais ou decorativas que, no âmbito da educação não formal atraem, geralmente, o interesse do público.

Se 95,2% dos professores e 74,8% dos alunos também, alguns destes deram ainda as sugestões e ideias que passamos a transcrever:

- *coisas relacionadas com os museus* – 6 respostas – 1%
- *coisas relacionadas com a arte* – 2 respostas – 0,3%
- *coisas sobre antigamente* – 2 respostas – 0,3%
- *coisas giras e diferentes* – 2 respostas – 0,3%

e também

- *divertimentos para vermos*
- *pintura, jogos e dança*
- *histórias*

1º. Ciclo

- *que houvesse actividades para nos entreter*
- *leitura de poemas com o assunto que o museu trata*
- *jogos sobre os temas*
- *magia e malabarismo*

2º. Ciclo

- *ensinar o que se fazia no passado e fazer com que saibamos na teoria e na prática*
- *actividades multimédia*
- *animação, trabalhos com crianças de rua*
- *regresso ao passado*
- *coisas relacionadas com arte*

3º. Ciclo

- *fotografia*
- *musica adequada ao tema apresentado no museu*

- *filmes acerca da história do museu*
- *workshops*
- *design (formação) tanto gráfico como industrial, mosaico, pintura e escultura*
- *audiovisuais*
- *mais sobre a história da cidade*
- *instalações, performances, promover uma interactividade com o público*

Secundário

Também a animação sociocultural, a música, o teatro o cinema e outras formas de espectáculo agradam a 85,7% dos professores e à totalidade dos alunos. No entanto, Segall (1997:1) considera inconveniente que o museu se transforme (...) *num espaço de [mise-en-scènes] espectaculares e de [exuberância operística] ,geralmente transitórias, onde a ênfase é dada à homogeneidade e não à diversificação (...)*, opinião que partilhamos, sem prejuízo da realização de eventos culturais que, pela sua natureza se enquadrem nas características e objectivos museológicos das instituições.

Para que pudéssemos formar uma ideia mais completa das opiniões individuais deixámos no questionários dos professores, um espaço para que expressassem as suas críticas e dessem sugestões. Infelizmente, foram muito poucos, (12,4%) os que aproveitaram esse espaço. Assim, transcrevemos na íntegra a totalidade das sugestões dadas:

- *Desenvolvimento de edições próprias (autónomas). Maior divulgação das actividades.* – Grupo - 5º. - Artes
- *Mais divulgação, não só nas escolas, mas na cidade.* Grupo - 9º - Inglês
- *Maior divulgação nas escolas. Exposições.* Grupo – 10º.A – Geografia

E as críticas:

- *Os museus deveriam dispor de materiais informativos para os alunos, relacionados com os temas da visita (ou assunto abordado). Deveria haver representações teatrais ou passagem de videogramas sobre épocas/temas/assuntos.* Grupo – 1º. – História
- *O questionário não prevê casos como o meu. Desconheço ambos os museus.* Grupo – 1º. – Matemática
- *O museu deve ser um “Museu Aberto” à comunidade, daí a necessidade de uma maior e efectiva articulação com as escolas e uma maior oferta de actividades à população em geral.* Idem
- *Os museus podem e devem tornar-se vivos.* Grupo – 8º.A – Português

- *Um louvor pela boa conservação e apoio dados.* Idem
- *Os horários do museu são pouco alargados.* Grupo – 6º. – Educação Musical
- *Demasiada imobilidade e pouca flexibilidade.* Grupo – 9º. – Inglês
- *Não respondi a todas as questões pois não conheço os museus citados.* Grupo – Educação Física
- *Não conheço os museus. Só fui uma vez ao do Trabalho assistir a um espectáculo de dança.* Grupo – 8º. B - Francês
- *Os museus de Setúbal vivem fechados sobre si, as suas actividades não são divulgadas na comunicação social. Acessíveis aos fins-de-semana e feriados.* Grupo – 5º. – Artes

Verificamos que as sugestões apelam a uma maior divulgação das actividades dos museus. Mesmo carecendo de dados concretos, pudemos constatar em conversas informais com professores durante as nossas visitas às escolas, que estes, ou desconhecem os museus sobre os quais incidiu o nosso estudo ou não recebem qualquer tipo de informação sobre eles.

## 6.2. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações sentidas no desenvolvimento deste estudo, colocam-se essencialmente na dificuldade em obter os questionários preenchidos. Apenas uma Escola Secundária, respeitou o prazo que lhe sugerimos. Nas restantes as dificuldades, foram desde a entrega muito fraccionada, até à imposição de os levar a Conselho Pedagógico, o que causou um atraso de cerca de um mês.

Além disso os professores deixam várias respostas em branco, mesmo em questionários simplificados ao máximo, como é o caso. Quanto aos alunos, se exceptuarmos uma ou outra resposta mais irreverente, particularmente, de uma turma de 9º. Ano, quase todos cumpriram razoavelmente o que lhes era solicitado, como demonstram os resultados.

Os modelos de questionário, que apresentaremos em anexo, explicavam, com textos diferenciados e adaptados a cada grupo de inquiridos, o objectivo e a finalidade dos mesmos.

Ambos os questionários e os procedimentos aplicados foram validados após confrontação do seu conteúdo com o orientador da pesquisa, docente de reconhecida competência e com larga experiência profissional no ensino superior.

A definição de objectivos, recolha e tratamento de dados e toda a investigação desenvolvida, partiu das opções pessoais da investigadora,

## CONCLUSÃO

No desenvolvimento do nosso trabalho foram considerados os diversos factores que concorrem para compreender como, na modernidade os museus interagem com os seus públicos internos e externos, como se relacionam com a educação formal e quais os problemas e desafios que actualmente defrontam.

Registámos as mudanças culturais, sociais, económicas e políticas que transformaram a sociedade em geral, os fenómenos da interculturalidade, a diversidade cultural que originam, a necessidade de as instituições com funções educativas, exercerem uma intervenção efectiva, cuja transversalidade contribua para integrar social e culturalmente, todos os segmentos de público.

Demo-nos conta do modo como as tecnologias da informação e comunicação, constroem estereótipos e contribuem para a homogeneização da cultura.

Apropriámo-nos destas realidade para entender, como a *indústria cultural* compete numa sociedade do espectáculo, para captar audiências e se associa ao marketing para criar necessidades de consumo cultural.

Referimos o processo de democratização cultural que se desenvolveu no século XX, as estratégias que os defensores da *nova museologia* defendem e propõem, para que o museu acompanhe e se integre nos novos conceitos de cultura e de aprendizagem durante toda a vida dos indivíduos.

Procurámos compreender o clima organizacional do museu e propusemos a sua redefinição face aos desafios da nova realidade social. Quisemos descobrir se o sistema escolar está receptivo a abrir-se a uma colaboração efectiva com os serviços educativos do museu, com o objectivo de dinamizarem em conjunto, estratégias pedagógicas que introduzam novos métodos no processo de ensino-aprendizagem.

Expostas as preocupações que nos motivaram para desenvolver e fundamentar a nossa dissertação, debruçar-nos-emos agora sobre o modo como se interligam e interferem as organizações entre si e sobre as ilações que tirámos no decorrer da nossa pesquisa. Na contemporaneidade, o clima de incerteza, a necessidade de mudança, a crise social e económica, irão certamente criar condições para introduzir na política da educação formal e na política do museu, profundas e inadiáveis transformações.

Os novos conceitos, que tendem a associar educação e lazer, preconizam a necessidade de aquela se tornar mais dinâmica, agradável e compreensível e de que este, alie divertimento e aprendizagem.

Para Toffler (1984:373-374) (...) *Na educação, precisamos de começar a prestar atenção a assuntos rotineiros ignorados (...). Também precisamos lançar um novo olhar às instituições fornecedoras de estrutura (...). Uma sociedade razoável deveria fornecer um espectro de instituições, indo daquelas que são de forma livre às que são rigorosamente estruturadas. Precisamos de salas de aula abertas, assim como de escolas tradicionais (...).*

O acréscimo do tempo livre e a procura ascendente de actividades culturais e recreativas, conferem hoje ao lazer um lugar privilegiado e situam-se como parte fundamental da comunicação humana.

O que deduzimos das palavras de Toffler, é que se torna premente a reinvenção das velhas pedagogias, a redefinição da educação e a reinterpretação dos tempos de lazer. Nas últimas décadas, graças à proliferação e diversidade das auto-estradas da informação e da comunicação, verificou-se um crescimento exponencial das capacidades de armazenar em suportes informáticos, dados relativos à memória social, que contribuem para uma melhor interpretação do passado e do mundo em que vivemos.

Por outro lado, o tempo e o espaço, que foram conceitos relativamente estáveis no quadro das comunicações tradicionais, viram as suas coordenadas modificar-se relativamente à nossa capacidade de transmitir todo o tipo de informação em tempo real no espaço virtual, o que tornou possível simular cenários futuros, actualizar o passado e potencializar o presente.

As novas tecnologias de informação introduziram um novo dinamismo, que se vai intensificando à medida que incorpora imagens em movimento e introduz maior rapidez e facilidade na sua utilização, possibilitando outros modos de observar e pensar o mundo, já não de uma forma analítica mas sintética, não de uma forma racional mas intuitiva.

Face a estas inovações, a escola será compelida a adoptar uma concepção diferente da sua função e do processo ensino-aprendizagem e, o museu, será forçado a desempenhar um papel mais activo, na construção de uma realidade mediatizada, confeccionando uma determinada representação onde os valores sejam facilmente subentendidos.

A deslocalização que a informação provoca e as suas possibilidades de interacção, são um desafio a que as duas instituições necessitam dar respostas concretas, claras e actualizadas. A escola precisa redescobrir o seu papel e estabelecer conexões com o museu, com a comunicação, com o contexto sociocultural e compreender qual a repercussão destes factores nos processos cognitivos a curto, médio e longo prazo.

Escola e museu, são dois interlocutores indefectíveis, que perseguem objectivos semelhantes tais como: educar para os valores e para a cidadania, contribuir para divulgar o conhecimento e o saber e em conjunto educar no saber/fazer. Esta pode ser a forma de

ultrapassar uma certa relação de atracção/repulsão, que tem obstaculizado ao estabelecimento de uma concertação desejável entre a pedagogia educacional e a pedagogia social, cujo objectivo seja o de desenhar uma plataforma estratégica que os coloque em consonância.

Nenhuma destas organizações precisa dissociar-se do seu estilo e género, do seu lado público e pessoal, da sua missão específica, o que necessita é partilhar os seus saberes e competências.

Uma vez que nem sempre a escola encontra respostas eficazes e recursos suficientes para facilitar a aprendizagem, pode recorrer ao museu para otimizar os seus conteúdos, interpretá-los e transformá-los num conjunto coerente.

Não devemos esquecer que ambas carecem de se abrir à realidade e aproveitar as possibilidades que o meio ambiente e social oferece, para desenvolverem estratégias de educação para a contemporaneidade.

Museu e escola, podem ter perspectivas diferentes a respeito da educação, mas o que se torna crucial é acoplar a realidade que o museu dá a ver, com a virtualidade que a escola dá a conhecer e, ainda que movimentando-se em cenários diferentes, podem estabelecer um diálogo enriquecedor, esclarecer dúvidas e diminuir a resistência à mudança.

Uma vez que é ineludível o facto de existir hoje, uma profunda mudança cultural e que todas as práticas culturais da memória, do saber, do imaginário e da criação, estão em profunda reestruturação, é fundamental explorar novas temáticas, abrir-se a outras formas de conhecimento, adquirir novas dinâmicas de estimulação, susceptíveis de proporcionar uma interacção insofismável entre educação formal e não-formal.

Ainda que a nossa maior preocupação seja a formação dos jovens, por constituírem os públicos do futuro, estamos de acordo com Umberto Eco quando afirma (...) *que o museu público e “democrático” de hoje se transformou num espaço destinado a empilhar obras de arte para deleite das pessoas* (...). Segundo ele (...) *o [museu ideal] permitiria ao público compreender e desfrutar de uma obra única* (...) e por isso (...) *imaginou uma visita que permitiria nas primeiras salas, descobrir a poesia, a música, a filosofia* (Público, 2001:42) e assim o público poderia apreciar de outra forma o que existe no museu.

Neste ponto das nossas conclusões podemos deduzir que, relativamente á problemática e às hipóteses de partida os museus que estudámos desenvolvem muitas estratégias de qualidade, na medida das suas capacidades e recursos. A sua quase exclusiva dependência das tutelas, alguns patrocínios e um não muito vasto grupo de amigos, não lhes permitem iniciativas de grande repercussão mediáticas.

Apesar das públicas e notórias dificuldades financeiras que afectam os museus no nosso país, e estes não são excepção, as suas directoras recusam liminarmente a cobrança de qualquer ingresso, porque, do seu ponto de vista, esse procedimento seria, na comunidade em que se inserem, um factor de afastamento do seu público- Ainda que o Museu de Arqueologia disponha de algumas edições arqueológicas para venda, não encontramos quaisquer outros produtos e mesmo a cafetaria que existe no Museu do Trabalho, está actualmente encerrada.

Quanto às estratégias de divulgação e difusão apenas encontramos alguma informação informática no MT e o MA publicita geralmente as suas actividades em cartazes de rua e folhetos que distribui na sua recepção, sendo escassa ou quase nula a informação que chega às escolas.

Como anteriormente se constatou as escolas, devido à mobilidade dos professores e a outros problemas intrínsecos, não procuram os museus com a frequência desejável, remetendo-se para um certo distanciamento e até, como foi dito por alguns professores, pelo completo desconhecimento dos mesmos.

Quanto aos alunos, reflectem os conceitos que a instituição lhes transmite, apesar de considerarmos que tem sobre museus ideias e atitudes maioritariamente positivas, apesar de acharmos desejável que existisse um maior empenho dos agentes da educação formal em motivá-los para as questões do património e dos valores culturais, incutindo-lhes a necessidade de preservar a nossa cultura e acarinhar os museus, considerando-os como locais onde podem aceder a novos conhecimentos.

Não existe ainda, no presente, uma colaboração efectiva, dinâmica e regular entre as duas instituições, mas existem casos que auguram uma mudança de atitudes. Alguns professores, que tanto se queixam do insucesso escolar, talvez ainda não tenham meditado sobre os benefícios de uma aula no museu, sobre as possibilidades didácticas que estes oferecem. Entretanto, os serviços dos museus devem esforçar-se para se actualizar, tendo em conta as mudanças na realidade social e cultural, procurando conhecer as necessidades do ensino formal, adoptando estratégias eficazes de divulgação e informação.

As visitas das escolas não devem revestir um carácter demasiadamente expositivo, porque os alunos cansam-se, dispersam-se e distraem-se facilmente, não apreendem parte da mensagem e muitas vezes quase nem têm tempo para contemplar os objectos, o que não contribui para os captar como público. As pertinentes críticas de Eco, alertam-nos para este problema que, sendo referido para a generalidade do público é mais evidente para as crianças e jovens.

Daf que, quase todos os nossos inquiridos aprovelem a existência de ateliers formativos e actividades que ajudem a aprender, a desenvolver a criatividade, favorecem a criação de relações com os objectos expostos e com o conteúdo das exposições.

Como tal, concluímos que as quatro **hipóteses** levantadas se confirmam.

Organizar técnicas de aproximação, programar e implementar novas formas de apresentar os objectos, pode ser uma maneira eficaz de dinamizar o museu e aumentar o interesse do público, contribuir para a preservação e inovação da cultura e criar ambientes que tornem agradável a aprendizagem.

Se Preziosi (2000:1) afirma que (...) *não podemos escapar aos museus, já que o próprio mundo da nossa modernidade é, nos aspectos mais profundos, um supremo “artefacto” museológico (...)* e considera que (ibid:2) (...) *em grande medida, a própria modernidade é “artefacto” e produto colectivo do museu: a ficção museográfica suprema (...)* isto quer dizer, segundo depreendemos, que grande parte do conhecimento do passado reside nos objectos musealizados e que (ibid:3) (...) *este “passado” museológico é (...)* *um instrumento para a produção e sustentação imaginosa do presente; da modernidade como tal. Esse feito ritual de celebração da memória se realiza pelo uso disciplinado, colectivo e individual do museu, o que, no plano mais básico e genérico, constitui um análogo ou complemento espaço-cinético ou coreográfico do trabalho de ler um romance ou jornal ou de assistir a uma peça teatral ou espectáculo (...).*

Sendo assim, podemos então concluir, que o museu oferece à educação em geral e à escola em particular, a oportunidade de tornar claros, explícitos e compreensíveis muitos dos conhecimentos teóricos da educação formal. O museu, ao projectar no presente o conhecimento do passado, através dos artefactos e da memória social e colectiva, torna possível uma apropriação do real que materializa o imaginado. É esta complementaridade que devemos aproveitar para que os alunos possam aprender mais e melhor e os museus tenham no futuro um público conhecedor, crítico e interessado que olhe a cultura e o mundo de maneira diferente.

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV (1999) *Comunicação, Ética e Mercado*, Universidade Católica, Edições Lisboa
- AFP (2001) “*O público mata o museu*”, Conferência de Umberto Eco, in *Jornal Público*, pp.42, 27 de Junho
- ANDRADE, A. L. M. (2002) *O Museu e a sua Função Cultural*, [www, dialdata.com.br/casa das rosas/radio/arquivos/literatura/almandrade/almand.html](http://www.dialdata.com.br/casa-das-rosas/radio/arquivos/literatura/almandrade/almand.html), Leituras 17, MuseuNet
- ARANTES, António Augusto (1987) *O que é a Cultura Popular*, Editora Brasiliense, S. Paulo, Documentos de Museologia – 5º. Vol. ULHT, Lisboa
- AUGÉ, Marc (1992) *Não-Lugares, introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Bertrand Editora, 1998, Lisboa
- BARY, M. Odile de (1994) *Vagues: une Anthologie de la Nouvelle Muséologie*, Editions M. N. E. S., Paris
- DAUDRILLARD, Jean (1995) *A Sociedade de Consumo*, Coleção Arte e Comunicação, Edições 70, Lisboa
- BITTI, Pio Ricci e ZANI, Bruna (1997) *A Comunicação como Processo Social*, Editorial Estampa, Lisboa
- BLANCO, Angela Garcia (1999), *La Exposición, um Medio de Comunicación*, Colección Arte y Estética, Ediciones Akal, Madrid
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1991) *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto Editora (1994) Porto

- BRETON, Philippe (1992), *A Utopia da Comunicação*, Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, Lisboa
- BRUNER, Jerome (1995) *A Cultura da Educação*, Edições 70, 2000, Lisboa
- BRUNO, Cristina (1991) *Cadernos de Sociomuseologia*, Centro de Estudos de Sociomuseologia/Cristina Bruno, ISMAG/ULHT, Lisboa
- CALINESCO, Matei (1999), *As 5 Faces da Modernidade*, Editora Veja, Lisboa
- CARRILHO, Manuel Maria (1989) *Elogio da Modernidade*, Editorial Presença, Lisboa
- CARVALHO Adalberto D. (1992), *A Educação como Projecto Antropológico*, Edições Afrontamento, Lisboa
- CHAGAS, Mário de Souza (2000) *Memória e Poder: dois movimentos*, ULHT; Curso de Mestrado em Museologia, Lisboa
- CHIAVENATO, Idalberto (1985) *Teoria Geral da Administração*, Vol. 2, Edições Makron Books, S. Paulo
- Idem (1995) *Recursos Humanos*, Editora Atlas S. A, S. Paulo
- COELHO, Teixeira (1989) *O que é Acção Cultural*, Editora Brasiliense, S. Paulo, Documentos de Museologia, ULHT, Lisboa
- CONDE, Idalina (1992) *Percepção Estética e Públicos de Cultura*, Acarte, Lisboa
- CORREIA, João Carlos (2001) *Novos Desafios ao Espaço Público: subjectividade e "cultura de massa"*, Universidade da Beira Interior, bocc.ubi.pt
- CRAINER, Stuart (1999) *As Melhores Citações de Gestão*, Biblioteca Executive Digest, O Melhor do Século XX, Abril/Controjornal

- CRESPI, Franco (1997) *Manual de Sociologia da Cultura*, Editorial Estampa, Lisboa
- CURY, Marília Xavier (2000) *Exposição, Interação e Alteridade*, MAE7USP, textos MuseuNet
- DIAS, Fernando Nogueira (2001a) *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita: discurso e percurso*, Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, Lisboa
- Idem (2001b) *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento*, Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, Lisboa
- DRUCKER, Peter (1999) *As organizações sem fins lucrativos*, Difusão Cultural, Lisboa
- DURÁN, Francisco Entrena (2001) *Modernidad y Cambio Social*, Ediciones Trotta, Madrid
- ECO, Umberto (1991) *Apocalípticos e Integrados*, Difel, Lisboa
- ETZIONI, Amitai (1984) *Organizações Modernas*, Livraria Pioneiro, S. Paulo
- DUARTE, Ana (1994) *Educação Patrimonial, guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*, Texto Editora, Lisboa
- FARIA, Margarida Lima de (2000) *Educação – Museus – Educação*, Projecto: Museus Educação, Instituto de Educação Educacional, MuseuNet
- FEIJÓ, Martín César (1983) *O que é Política Cultural*, Editora Brasiliense, Documentos de Museologia, Vol. 5, ULHT, Lisboa
- FORTUNA, Carlos (1999) *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais, estudos sociológicos de cultura urbana*, Celta, Oeiras
- FREITAS, Mário (1999) *Os Museus e o Ensino das Ciências*, in *Comunicar Ciência*, Ano 1, nº. 3, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário

- FORUM (2001) *Documento Preparatório para a Lei de Bases do Sistema Museológico Português*, APOM, [www.ip.pt/apom/](http://www.ip.pt/apom/)
- FUNARI, Pedro (2002) *Considerações sobre o Profissional do Museu e a sua Formação*, sti.co.br, Textos MuseuNet
- GIDDENS, Anthony (1992) *As Consequências da Modernidade*, Celta, Oeiras
- Idem (1999) *O Mundo na Era da Globalização*, Editorial Presença, Lisboa
- GOMES, Duarte (2000) *Cultura Organizacional, comunicação e identidade*, Quarteto Editora, Coimbra
- HABERMAS, Jürgen (1961) *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Tempo Brasileiro, 1984, Rio de Janeiro
- HALL, Stuart (1999) *Identidades Culturais na Pós-modernidade*, DP & A Rio de Janeiro
- HERNANDEZ, Francisca H. (1991) *El Museo como Espacio de Comunicación*, Editora Trea, Gijón
- HOOPER-GREENHILL, Eilean (1998) *Los Museos y sus Visitantes*, Editora Trea, Gijón
- INGLIS, Fred (1993) *A Teoria dos Media*, Editora Veja, Lisboa
- JUNIOR, José N. (2002) *Museu e Educação*, Referência Bibliográfica: Chagas, Mário, Musewália, Rio de Janeiro, JC Editora, 1996, Leituras 13, MuseuNet
- KROEBER, A. L.(1993) *A Natureza da Cultura*, Edições 70, Lisboa
- LEACH, Edmond (1992) *Cultura e Comunicação*, Edições 70, Lisboa
- LEÓN, Aurora (2000) *El Museo, Teoría, Praxis y Utopía*, Editora Cátedra, Madrid

- LIBENDINSK, Marta (2002) *Museos inteligentes, interesantes y inteligibles*, fonte: Revista Virtual Bitácora – [www.bitacora.net](http://www.bitacora.net), Leituras 12, MuseuNet
- LORD, B. (1998) *Manual de gestión de museos*, Editora Trea, Gijón
- LYOTARD, Jean-François (1989) *A Condição Pós-Moderna*, Gradiva, Lisboa
- MALRAUX, André (s/d) *As Vozes do Silêncio*, Vol. I, Coleção Vida e Cultura, Edições Livros do Brasil, Lisboa
- MARC, E. (1992) *A Interacção Social*; Editora Rres, Porto
- MARQUES, F. Pereira (1995) *De que Falamos quando Falamos de Cultura*, Editorial Presença, Lisboa
- MINTZBERG, Joseph M. (1979) *Estrutura e Dinâmica das Organizações*, Edições D. Quixote, 1995, Lisboa
- MIRANDA, J. A Bragança de (1997) *Política e Modernidade*, Edições Colibri, Lisboa
- MOLLES, Abraham e outros (1975) *La Comunicación y los Mass-Media*, Mensajero, Coleção las Ideas/ las Obras/ los Hombres, Bilbao
- MONTANER, Joseph M. (1995) *Museos para el Nuevo Siglo*, Ediciones Gustavo Gilli, Barcelona
- MORIN, Edgar (s/d) *Cultura de Massas no Século XX*, Vol. II, Publicações Europa-América
- MOUTINHO, Mário C.(1993) *Sobre o Conceito de Museologia Social*, Cadernos de Museologia I, ULHT, Lisboa
- Idem, (1996) *A Função Social do Museu*, Curso de Mestrado em Museologia, ULHT, Lisboa

- PREZIOZI, Donald (2000) *Evitando Museucanibalismo*, XXIV Bienal – Núcleo Histórico – Textos, [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br).
- QUIVY, Raymond (1995) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, 1998, Lisboa
- RIEU, Alain-Marc (1988) *Les Visiteurs et leurs Musées*, La Documentation Française, Paris
- RIVIÉRE, Georges-Henry (1989) *La Muséologie selon G.H.R.*, Cours de Muséologie, Textes et Temoignages, Editions Dunod/Bordas, Paris
- RODRIGUES, Adriano D. (1999 a) *Estratégias da Comunicação*, Editorial Presença, 1997, Lisboa
- Idem (1993 b) *Comunicação e Cultura, a experiência cultural na era da informação*, Editorial Presença, 1999, Lisboa
- Idem (2000) *Tradição e Modernidade*, [bocc.ubi.pt](http://bocc.ubi.pt)
- RUSSIO, Waldisa (s/d) *Museologia e Museu*, Textos de Museologia, ULHT, Lisboa
- SANCHEZ, Yvonne e CANTARERO Gonzalo (1998) *MBA para Todos, finanças, marketing, estratégia, criação de empresas e internet*, 2000, D. Quixote, Lisboa
- SANTOS, Eloisa Pérez (2000) *Estudio de Visitantes en Museos*, Editora Trea, Gijón
- SANTOS, José Luis dos (1983) *O que é Cultura*, Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, S. Paulo, Documentos de Museologia, 5º, Vol. ULHT, Lisboa
- SANTOS, Rogério (1998) *Os Novos Média e o Espaço Público*, Edições Gradiva, Lisboa
- SANTOS, José Rodrigues (1992) *O que é Comunicação*, Difusão Cultural, Sociedade Editorial e Livreira, Lda. Lisboa

- SANTOS, M. Célia (1996) *Processo Museológico e Educação, construindo um museu didáctico-comunitário*, ULHT, Lisboa
- SANTOS, M. L. Lima (1998) *As Políticas Culturais em Portugal*, Observatório de Actividades Culturais, Coleção OBS – Pesquisa 3, Lisboa
- SCHEINER, Teresa (2000) *Fundamentos de Museologia Teórica e Aplicada*, Curso de Mestrado em Museologia, ULHT, Lisboa
- SOARES, Joaquina (1993) *O Museu de Arqueologia do Distrito de Setúbal e o Desafio dos Anos 90*, al-madan, iiª. Série, Julho, Centro de Arqueologia de Almada
- Idem (1998) *Arqueologia e Museologia, experiências e perspectivas*, al-madan, IIª. Série, Outubro, Centro de Arqueologia de Almada
- TARDE, Gabriel (1991) *A Opinião e a Multidão*, Publicações Europa-América, Lisboa
- TEBOUL, René e, CHAMPANAUD, Luc (1999) *Le Public des Musées*, Editions L'Harmattan, Paris
- TELMO, Isabel Cotinelli (1991) *O Património e a Escola do Passado e do Futuro*, Texto Editora, Lisboa
- TOFFLER, Alvin (1980) *A Terceira Vaga*, Edições Livros do Brasil, 1984, Lisboa
- TOTA, Ana Lisa (2000) *A Sociologia da Arte, do museu tradicional à arte multimédia*, Editorial Estampa, Lisboa
- VARINE, Hugues de (1987) *Politiques muséales et stratégies de développement local et national. De l'exhibitionisme à la communication sociale*, 1º. Atelier Internacional de Nova Museologia, MINOM, Aragoão, ULHT, Textos de Museologia, Lisboa

## GUIÃO DA ENTREVISTA ÀS DIRECTORAS DOS MUSEUS

CATEGORIA	UNIDADES
Situação do museu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É um museu recente ou um museu antigo que evoluiu</li> <li>- Quais os momentos significativos dessa evolução</li> <li>- Como se situa face ao conceito de “nova museologia”</li> <li>- O museu tem projectos de renovação, de extensão ou de inovação</li> </ul>
Funções relevantes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A colecção do museu é objecto de pesquisa</li> <li>- Tem uma associação de amigos</li> <li>- Costuma colaborar com publicações científicas</li> <li>- Tem relações de cooperação com universidades, historiadores e outros museus</li> </ul>
Actividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais as actividades para além da conservação, pesquisa e acolhimento do público</li> <li>- Acolhe grupos escolares</li> <li>- Faz animações ou ateliers fora dos tempos escolares</li> <li>- Promove reuniões, congressos, seminários</li> <li>- Qual o papel da directora na organização dos eventos</li> <li>- Cria actividades de animação para públicos específicos</li> <li>- Que acções de informação realiza para divulgar o museu no exterior</li> </ul>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O museu dispõe de meios suficientes</li> <li>- Como racionaliza os recursos humanos, materiais e financeiros</li> <li>- Para concretizar os projectos ou a que estratégias recorre para aumentar esses meios</li> </ul>
Infraestruturas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dispõe de espaços específicos (laboratórios de pesquisa, centro de documentação, ateliers de animação, sala de conferências)</li> <li>- Estão suficientemente equipados</li> </ul>
Estratégia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A equipa dirigente tem uma estratégia de conjunto</li> <li>- Quais os domínios mais deficitários</li> </ul>
Dimensão social e relação com o meio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A directora reflecte sobre as relações que podem existir entre os objectos (as modificações que estes podem ter provocado nos modos de vida, a forma do trabalho das populações que os utilizaram)</li> <li>- Esta reflexão é feita individualmente ou com o auxílio de outros investigadores ou estudantes locais</li> <li>- O museu tem um papel na defesa e estruturação da identidade da cidade, da sua história e das suas tradições</li> </ul>
Público	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os habitantes e as escolas costumam visitá-los regularmente</li> <li>- Quais os períodos de maior frequência</li> </ul>

### Inquérito aos professores

Este inquérito destina-se a conhecer a sua opinião sobre os serviços educativos do Museu do Trabalho e do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setubal e insere-se no contexto de uma dissertação de mestrado sobre a Interação Museu/Público

SEXO

IDADE

GRUPO DISCIPLINAR

M  F

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Realiza regularmente visitas aos museus? Sim  Não

Dos museus em análise qual é o seu preferido? MA  MT

Qual o que visita com maior frequência? MA  MT

Prepara as visitas escolares em articulação com os serviços educativos? Sim  Não

Como vê a articulação do museu com a escola? Razoável  Deficiente  Boa

Numa escala de 1 a 10 como a classificaria

Acha que esses serviços respondem cabalmente às suas solicitações?

Sim  Não  Às vezes

Gostaria que museu e escola planificassem em conjunto as visitas? Sim  Não

Os técnicos que trabalham nos museus deveriam ter formação pedagógica ? Sim  Não

na área da comunicação? Sim  Não  na área do marketing? Sim  Não

Os conservadores do museu deveriam ter formação em gestão? Sim  Não

Seria desejável que o museu realizasse exposições nas escolas? Sim  Não

Gostaria que houvesse uma maior interação e animação cultural no interior do museu?

Sim  Não  Sempre  Em alguns casos

Pensa que seria útil a existência de ateliers formativos? Sim  Não

Será que os museus vão desaparecer face à sociedade de informação ? Sim  Não

Sente-se satisfeito com os serviços e o actual desempenho dos museus? Sim  Não

Pensa que nos museus se deveriam exhibir filmes e representações teatrais? Sim  Não

Considera que o museu desempenha um papel relevante no desenvolvimento do ser humano?

Sim  Não  E no desenvolvimento dos sistemas de conhecimento? Sim  Não

Outras sugestões \_\_\_\_\_

Críticas \_\_\_\_\_

(caso necessário pode escrever no verso)

Obrigada pela disponibilidade

Inquérito aos alunos

Este inquérito tem como finalidade conhecer a tua opinião sobre dois museus da tua cidade e recolher as tuas sugestões para que o museu seja um local agradável e interessante, onde as pessoas vão ver e conhecer objectos e histórias de todos os tempos.

SEXO M  F  IDADE \_\_\_\_\_ ANO DE ESCOLARIDADE \_\_\_\_\_

(assinala com X as tuas respostas)

Já visitaste o Museu do Trabalho? Sim  Não

E o Museu de Arqueologia e Etnografia? Sim  Não

Em caso afirmativo, com quem costumavas visitá-los? com os teus pais  com os professores e colegas da tua escola?  com os amigos?  outros, quais \_\_\_\_\_

Onde ouviste falar no museu pela primeira vez? em casa  na rua  na escola  na televisão  outro lugar, qual? \_\_\_\_\_

O que sentiste da primeira vez que entraste no museu? medo  alegria  admiração

Curiosidade  um adjectivo à tua escolha \_\_\_\_\_

Agradam-te as visitas de estudo ao museu? Sim  Não

Achas que as visitas ao museu ou os trabalhos que realizas sobre eles deviam ser avaliados na escola? Sim  Não

Gostas mais de visitá-los com os pais? sim  não  às vezes  Com os amigos? sim  não  às vezes

Achas que os museus são locais agradáveis  aborrecidos  interessantes

Porquê? \_\_\_\_\_

Na tua opinião o museu é um local onde aprendes  onde te divertes  onde podes conhecer hábitos, tradições e histórias do passado

Gostavas que o museu tivesse ateliers com actividades e animação? Sim  Não

Que actividades achas que o museu devia oferecer? teatro  cinema  música

Outras \_\_\_\_\_